

SAÚDE NÃO É SÓ SAÚDE!

PRESENTE na reunião de trabalho organizada pelo Centro de Saúde Escolar de Lisboa, em fins de Julho, e em alguns dos encontros semanais, abertos a todos os interessados pela Infância e Juventude, verificámos com mágoa e revolta que a situação dos problemas sanitários no nosso

País é calamitosa. Presentiamos-la grave, mas este adjectivo é insuficientemente esclarecedor e daí optarmos por calamitosa. Como se a saúde de um Povo não merecesse as atenções e as decisões que não foram assumidas! Como se investir na saúde de um Povo, tal como na sua educação,

não oferecesse rentabilidade a todos os níveis! Como se não houvessem sido denunciadas, mesmo repetidas vezes, falhas de estruturação, de administração, de incapacidade de resposta para cres-

por Maria de Olhão

centes necessidades e urgências por esclarecidos e humanos trabalhadores da Saúde! Muito cheias devem andar certas gavetas de secretárias, se é que o cesto dos papéis não alijou a carga, de quando em vez.

E, como se tudo isto não bastasse e não traduzisse um compromisso com o ilógico, com o menos sensato, com o desonesto camuflar das realidades, o número de médicos e de enfermeiros vai-se reduzindo, na proporção inversa das necessidades e não se buscaram medidas eficazes para acudir ao panorama. Nem política de saúde, nem educação para a saúde, nem Centros de Saúde com recursos humanos e técnicos para atendimento, nem Saúde Escolar que apoie os vários graus de Ensino e respectivos professores

(Conclui na 3.ª página)

MUSEU IMAGENS VIVAS (RECORDAÇÃO DE UMA OBRA)

por Sousa Pereira



O poeta vila-realense António Aleixo, numa xilogravura de Manuel Cabanas, sobre desenho de Tossan.

As imagens fazem a vida. As imagens são a vida. De súbito, olhamos uma imagem, que pode ser uma árvore, um risco numa parede, a cara de uma coisa, que pode ser um animal, ou um animal-homem, olhamos, ela pode dizer-nos alguma coisa através do seu silêncio, ou nada nos dizer; pode emocionar-nos ou fazer com que odemos; isto é, uma imagem, uma gravura ou uma xilogravura, pode servir de estímulo à vida, ou de nojo, náusea à mesma vida; por isso eu digo, e repito: a vida é feita de imagens.

Eis uma imagem:

Transporto palavras do meu cérebro para o papel, palavras que ficam: Não à exploração do homem, pelo homem.

Foi hoje, sim hoje, entre o calor ardente deste tórrido Algarve, entre o silêncio das imagens, entre o silêncio do próprio silêncio, e de mim mesmo, foi hoje que visitei a Galeria Manuel Cabanas e aí contactei durante algum tempo com a obra do meu amigo e grande lutador cujo nome é o da galeria citada.

Enquanto atravessámos a Praça Marquês de Pombal, onde está a Galeria-Museu, disse eu para Manuel Cabanas:

— Então, ali está toda a sua obra? — e ele respondeu:

— Não... e se estivesse achas pouco... isto era feito depois de vir do trabalho...

Naquele momento não respondi, fiquei calado, olhei as rugas do homem, em cujo rosto, se nota o esforço de um combate que ainda

(Conclui na 3.ª página)



pelo dr. MATEUS BOAVENTURA

PARA ENTRARMOS NOS CAMINHOS DA NORMALIDADE

O GOVERNO Provisório tem acusado o meio capitalista e empresarial de retraimento depois do 25 de Abril, o que põe em perigo a economia nacional abrindo o caminho ao desemprego.

A verdade é que, quatro meses depois do Movimento das Forças Armadas e da evolução já verificada nos vários sectores da vida portuguesa, incluindo a agitação exagerada de algumas empresas onde os elementos fascistas dominavam a situação, há que encontrar os caminhos da normalidade para que a Nação prossiga no seu desenvolvimento.

São precisamente os tais capitalistas «tímidos» que devem acorrer aos apelos frequentes que o Governo tem lançado para ajudar a reerguer o País do caos e da desorganização a que o Estado Novo o condenara. Uma ou outra voz já se tem erguido nesse sentido. Ainda

(Conclui na 6.ª página)

NOTA da redacção

DISCUTIU-SE durante largo tempo o aumento do funcionalismo público, houve manifestações de desagrado que levaram à revisão do diploma e por fim veio a conhecer-se o resultado da discussão ministerial que continuou a não agradar à maioria.

Será difícil, efectivamente, encontrar uma solução quando o problema atinge milhares de pessoas em todo o País com uma base muito baixa de vencimentos, envolvendo qualquer aumento muitos milhares de contos. Não é de admirar, pois, que a solução encontrada tenha carácter provisório, à espera de melhores dias sob o ponto de vista económico.

O pessoal da Administração Pública tem sempre de ser numeroso e não há dúvida de que os escalões de vencimentos têm de surgir em pirâmide sendo o eume ocupado pelos mais especializados. O problema é diminuir a diferença entre os dois extremos, não baixando o eume mas aumentando a base, aproximando-a daquele.

Até aqui nenhuma solução de agrado geral foi encontrada, dada a complexidade do problema, o número de pessoas envolvidas em todo o País e porque se pensa na necessidade de manter um funcionalismo especializado bem pago, que, de outro modo, fugiria para as empresas particulares.

Seja como for, qualquer solução tomada em definitivo, tem de ter em conta o elevado custo de vida, o baixo nível dos vencimentos em geral, as diferenças existentes e a necessidade de acesso e promoção. De certo modo, quem entra em algumas classes de funcionalismo é como se caísse num poço, donde jamais sairá a não ser de livre vontade para a vida privada. Pois ficará condenado à

MILHARES DE FUNCIONÁRIOS CONTINUAM À ESPERA

mediocridade de um mau ordenado na mira de uma escassa reforma quando for velhinho. As pequenas conquistas do funcionário público têm surgido nos últimos tempos, já muito depois das empresas particulares as obterem, tais como subsídios de Natal, férias e serviços sociais. E a verdade é que estão muito longe ainda de atingirem as necessidades primárias do trabalhador. Pertence a cada um de nós combater para que tal aconteça.

CARTA ABERTA AO SR. SAMPAIO A PROPÓSITO DE MAL-ENTENDIDOS

Surpreendido

SR. José Sampaio, antes do mais a minha enorme surpresa pelo seu pedante zelo em desfazer os possíveis mal-entendidos causados pelo meu artigo. O que é o sr. José Sampaio? Um desmistificador profissional? Pessoa a quem a consciência não permite calar perante enormidades alheias? Ou apenas alguém que aproveita o pretexto de algumas linhas para explicar a propaganda dos seus pontos de vista? Mas seja o que for, sr. Sampaio, numa primeira leitura do seu escrito surpreendeu-me a suficiência e (a superficialidade) com que o senhor decidiu toda a dinâmica

principal de Vila Real de Santo António, sobre o Parque de Campismo de Monte Gordo, de que também fui signatário.

Como tenho lido diversos números do vosso semanário e apreciado o interesse com que V. defendem os interesses de Monte Gordo, creio que este assunto será de bastante interesse.

Posso acrescentar que fomos recebidos pelo sr. secretário (Proença) no dia 14, das 15 às 17,30 e no dia 19 pelo sr. secretário e três vereadores, das 18 às 21,30.

A verba de 10 000 contos que apresentámos na nossa exposição, causou uma certa apreensão ao secretário e vereadores, pois foi-nos indicado que no ano de 1973 deu o parque a receita bruta de 2 860 contos, onde nós dissemos que se houvesse um controle perfeito de entradas e saídas só no mês de Agosto conseguia-se a verba de 2 800 contos; aí está o prejuízo que a Câmara está a ter, o que aliás dissemos. Não acusamos ninguém, mas apenas uma total desorganização, em que a Câmara só se tem preocupado em cobrar as taxas,

(Conclui na 6.ª página)

económica. Vergonha para quem discute tais problemas! O sr. Sampaio meditou e traz as respostas todas, irresponsáveis.

Indignado

Depois, sr. José Sampaio, veio a indignação, porque eu não alinhavo mal-entendidos. Comigo, os mal-entendidos ou são fruto de deficiente gramática ou estão nas intenções de quem me lê. Mas, analisemos: Fui eu ou o sr. Sampaio quem disse que a passagem ao «extremo oposto do ante 25 de Abril» talvez levasse a «situações tipo Chile»? Este é um exemplo

(Conclui na 6.ª página)

TEMAS EM DEBATE PREÇOS A SUBIR

Desagradável coincidência: o anúncio do aumento do funcionalismo público é acompanhado da subida de preços. Não falamos já dos artigos que vêm subindo constantemente há muitos meses, mas nos produtos de primeira necessidade que o próprio Primeiro Ministro comunicou que iriam aumentar: o pão, o açúcar, o leite, além dos combustíveis. Aliás, aumentos substanciais como vamos verificando.

Começou pelos combustíveis, que em pouco tempo, recebem novo aumento. Este facto envolve uma série de compromissos, pois além de atingir uma larga classe que se desloca utilitariamente em carro próprio, vai fazer encarecer os transportes públicos e muitas outras profissões que obrigatoriamente andam de carro no seu dia a dia.

Ouvi um padeiro dizer a uma cliente que não fora o pão que «subira» mas sim a gasolina, porque afinal ele tinha de o transportar de carro para a distribuição a longas distâncias...

Enfim, os aumentos últimos em artigos de primeira necessidade talvez tenham a sua explicação justificativa, mas são efectivamente bastante impopulares, atingindo em especial as classes mais desprotegidas.

Quanto a nós, os aumentos deviam incidir especialmente sobre os artigos de luxo e sobre os impostos às grandes fortunas e maiores empresas, evitando-se a inflação e a subida dos artigos primários. De outra maneira, ficamos convencidos de que pouco serviram os recentes aumentos que foram arduamente reivindicados em todas as empresas. Porque neste jogo económico, acabamos por nos mentalizarmos com a subida do custo de vida após os aumentos nos ordenados, o que é um logro em que todos somos cúmplices.

Esperamos, no entanto, que a Nação se estabilize financeira e economicamente e que também este problema seja encarado e solucionado frontalmente. — M. B.

SUGESTÃO PARA O QUE DEVERIA SER O PARQUE DE CAMPISMO DE MONTE GORDO



Um aspecto do Parque de Campismo de Monte Gordo

VAI REALIZAR-SE O III SALÃO DE ARTE DE LAGOS

EM reunião na Sociedade Filarmónica Lacobrigense 1.ª de Maio, constituiu-se a comissão que, até final do ano, fica responsável pela secção de artes plásticas, dela fazendo parte Alice Conde, Julietta Pinéu, Vieira Cabrita, Matos Paletti e Hígino Amado da Cunha.

Entre outras iniciativas que oportunamente serão divulgadas, esta comissão decidiu envidar esforços no sentido de realizar o III Salão de Arte de Lagos, que, em princípio, decorrerá em Dezembro próximo. As duas primeiras edições desta bienal de artes plásticas foram em Setembro de 1970 e Outubro de 1972.

Ao III Salão serão admitidos trabalhos de pintura, escultura, desenho, gravura e outros, esperando-se que as entidades oficiais acarinhem a iniciativa, concedendo-lhe subsídios destinados a premiar as melhores obras.

À saúde
é a maior riqueza

PROTEJA OS RINS

O sal de cozinha, além de ser indispensável ao bom funcionamento dos órgãos, torna mais saborosos os alimentos. Mas nem por isso se deve abusar de iguarias salgadas. O sal é eliminado, em grande parte, pelos rins, e, quando em excesso, pode afectá-los causando sérias desordens no organismo.

Proteja os rins, evitando o abuso de sal na alimentação.

O dr. Luís Filipe Madeira foi empossado no cargo de governador civil do Distrito

Na quarta-feira foi empossado nas funções de governador civil do nosso Distrito o dr. Luís Filipe Madeira. O acto teve a presença do tenente-coronel Costa Brás, ministro da Administração Interna e de outras destacadas individualidades.

O novo chefe do Distrito tem 34 anos, candidatou-se a deputado pela Oposição (C. D. E.) em 1969, é natural de Alte e formou-se em Direito na Universidade de Coimbra, exercendo a advocacia em Loulé. Profundo conhecedor dos problemas da nossa Província, muito se espera da sua acedrada dedicação ao Algarve, cujas maiores carências muitas vezes apontou.

A posse efectuou-se no salão nobre do Governo Civil que se encontrava cheio de público, bem como os corredores e escadarias de acesso, gente de toda a Província, e em especial do concelho de Loulé. Ladeando o ministro da Administração Interna, viam-se, além do novo chefe do Distrito, o comandante do Regimento de Infantaria n.º 4, director-geral da Administração Local e secretário-geral do Governo Civil.

Após a leitura do auto de posse, usou da palavra o tenente-coronel Costa Brás que exortou o novo governador civil a conduzir a sua acção nas grandes linhas coordenadoras do Programa do Movimento das Forças Armadas, afirmando que da ajuda e cooperação do povo com o governador civil resultaria a finalidade essencial do «25 de Abril».

Falou depois o dr. Luís Filipe Madeira, cujo discurso, pelo interesse de que se reveste, passamos a transcrever:

Senhor ministro, Ex.ªs autoridades, Minhas senhoras e meus senhores

Razões de coerência cívica e política, particularmente indeclináveis no momento histórico que Portugal vive, levaram-me a pôr de lado — provisoriamente — a minha toga de advogado para aceitar as funções em que acabo de ser investido.

Só o fiz, porém, porque me certifiquei de que podia contar com o apoio da população esclarecida do Algarve e dos partidos e movimentos políticos, democráticos e anti-fascistas, com os quais durante os difíceis tempos da resistência sempre militei. Sem este apoio não aceitaria, e só com este apoio permanecerei.

O governador civil é, por definição legal, o representante do Governo no Distrito, mas, nas actuais circunstâncias, creio bem que o governador civil deve ser sobretudo a voz autorizada do Distrito junto do Governo. Essa a principal função que me proponho desempenhar.

Quanto a tarefas específicas, o Algarve não difere grandemente do resto do País, na obra de reconstrução nacional que se iniciou sob os auspícios floridos da Revolução de Abril.

Tem o Algarve um turismo pujante e imprescindível que, todavia, há-de ser repensado, em ordem a alargá-lo à serra e à charneca e a levar os seus benefícios económicos e culturais a toda a população, eliminando o fosso que separa um litoral blasé e sofisticado, de um interior despovoado e subdesenvolvido. Haverá ainda aqui que considerar com realismo a necessidade de não andar para a frente em acelerado, sem previamente cuidar da adequação das infra-estruturas materiais e das condições sociais.

Como acontece em todo o País, espera o Algarve a solução dos seus graves problemas de saúde, de assistência e de educação. E neste domínio, uma chaga está bem viva e aberta em todos nós — o esquecimento com que mais uma vez o Algarve foi distinguido pelo Governo fascista, quanto a Escolas Superiores. Necessário se torna igualmente, que a curto prazo e sem prejuízo dos legítimos interesses nacionais ou de outras regiões, Faro seja efectivamente a capital do Algarve e dos assuntos que aos algarvios respeitam.

Por outro lado, a energia eléctrica, as redes de águas, as redes de esgotos, as estradas e os caminhos assinalando, pela sua inexistência ou insuficiência, o subdesenvolvimento da maior parte do Distrito, apontam problemas de urgente solução.

Haverá ainda que promover e apoiar a instalação de indústrias

em solo algarvio, como há, sem dúvida, que apoiar a promoção turística, mas há sobretudo que atentar urgentemente na agricultura e na pesca, para que o seu descalabro não se torne, a curto prazo, irreversível, com consequências gravíssimas para a esmagadora maioria da população do Distrito.

Nos planos político e administrativo, a tarefa é só uma — Democratizar.

Isto significa: fazer intervir livre, voluntária e conscientemente, as populações na gestão da coisa pública.

Pôr sem demora à frente das autarquias locais pessoas que sejam da confiança das respectivas populações e que dêem garantias de zelo, competência e democratismo. Concluir o saneamento já iniciado, levar o 25 de Abril, como acto de redenção e de certeza nos destinos da Pátria, a todas as terras do Algarve, é tarefa a que me dedicarei com todo o entusiasmo.

Neste campo zelarei pelo perfeito acatamento das regras democráticas, assegurando o correcto equilíbrio das forças políticas em presença, tendo em conta que o fiel desse equilíbrio será sempre a vontade do povo, honestamente procurada e correctamente interpretada.

Tudo será feito para garantir, especialmente em época de eleições, a autenticidade do voto popular, com total respeito pela lei vigente e pela ordem democrática.

E esta, em curtas palavras, a missão que me proponho iniciar sob a orientação esclarecida de V. Ex.ª, sr. ministro e com a colaboração dos algarvios, das Administrações Municipais e de freguesia e das Polícias, estas agora e definitivamente, claramente confinadas à sua função cívica de proteger as pessoas e os bens e de fazer respeitar as leis.

Todos juntos, patrioticamente unidos em torno do Programa do

ECOS

Torquato da Luz

Partiu para a Madeira, a fim de descansar alguns dias o nosso prezado amigo e colaborador Torquato da Luz, subchefe da redacção do «Diário de Lisboa».

Partidas e chegadas

Transferiu a sua residência de S. Tomé para Vila Real de Santo António o nosso assinante sr. Joaquim A. Reis.

Terminou a sua missão militar no Ultramar, tendo regressado a casa de seus pais em Faro o sr. António Manuel de Jesus Correia, filho do nosso assinante sr. António da Graça Correia.

Com sua esposa, sr.ª D. Rosa Ferreira Costa e filhas regressou a França depois de passar férias em Vila Real de Santo António o nosso assinante sr. João Jacinto Costa.

Está gozando férias em Monte Gordo, acompanhado de sua esposa o nosso assinante em Moçambique, sr. António Bandeira Carmo.

Com sua esposa e filhos está a férias em Vila Real de Santo António o sr. Luís Fernando Salvador Garcia, nosso assinante em Parede.

Passou férias em Vila Real de Santo António tendo regressado a França, com sua esposa e filhos, o nosso assinante sr. José Vicente Martins.

Terminou a comissão de serviço no Ultramar, regressando a sua casa em Monte Gordo, o nosso assinante sr. António Manuel Calvino Martins.

Glorioso Movimento das Forças Armadas, não deixaremos fanar os rubros cravos de Abril.

No final, o novo chefe do Distrito foi muito cumprimentado.

O ministro da Administração Interna presidiu mais tarde a uma reunião com os responsáveis pelos Municípios do Distrito e em que foram focados assuntos de interesse.

AGENDA

Está a férias no sítio da Bordeira (Santa Bárbara de Neze), com sua esposa e filho, o nosso assinante em França sr. António das Neves Guerreiro.

Com sua esposa e filhas está a férias em Armação de Pêra o sr. Francisco Gonçalves Sintra, nosso assinante em Beja.

Baptizados

Na igreja de Vila Real de Santo António, foi baptizada a menina Sandra Maria da Cruz Martins, filha da sr.ª D. Maria Rosa Cruz Martins e do sr. José Vicente Martins. Foram padrinhos a sr.ª D. Rita Rosa da Silva Lopes e o sr. Carlos Alberto da Silva Filipe Lopes.

Na igreja de S. Brás de Alportel, foi baptizada a menina Carla Sofia Luís de Jesus, filha da sr.ª D. Maria de Lourdes da Conceição Luís Trindade e do sr. Luciano Trindade de Jesus. Foram padrinhos, a sr.ª D. Cidália Martins Lopes Nunes Gago, professora oficial e o sr. Mitério das Dores Amaro, industrial.

Farmácias

DE SERVIÇO

Em ALBUFEIRA, hoje, a Farmácia Piedade; e até sexta-feira, a Farmácia Alves de Sousa.

Em FARO, hoje, a Farmácia Montepio; amanhã, Higiene; segunda-feira, Graça Mira; terça, Pereira Gago; quarta, Pontes Sequeira; quinta, Baptista e sexta-feira, Oliveira Bomba.

Em LAGOS, a Farmácia Silva. Em LOULÉ, hoje, a Farmácia Madeira; amanhã, Confiança; segunda-feira, Pinheiro; terça, Pinto; quarta, Avenida; quinta, Madeira e sexta-feira, Confiança.

Em OLHÃO, hoje, a Farmácia Rocha; amanhã, Pacheco; segunda-feira, Progresso; terça, Ohanense; quarta, Ferro; quinta, Rocha e sexta-feira, Pacheco.

Em PORTIMÃO, hoje, a Farmácia Central; amanhã, Oliveira Furtado; segunda-feira, Moderna; terça, Carvalho; quarta, Rosa Nunes; quinta, Dias e sexta-feira, Central.

Em TAVIRA, hoje, a Farmácia Montepio; amanhã, Aboim; segunda-feira, Central; terça, Franco;

quarta, Sousa quinta, Montepio e sexta-feira, Aboim.

Em VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO, a Farmácia Carrilho.

Cinemas

Em ALBUFEIRA, no Cine-Pax, hoje, «Big Boss, o implacável».

Em ALMANSIL, no Cinema Miranda, hoje, «O homem com duas cabeças».

Em ARMAÇÃO DE PÊRA, na Esplanada Paraíso, hoje, «E tudo o vento levou»; amanhã, «O escorpião»; terça-feira, «O lago de Drácula»; quarta-feira, «Chantagens»; quinta-feira, «Sinal vermelho»; sexta-feira, «Amor ilícito».

Em FARO, na Esplanada S. Luís Parque, hoje, «O braço violento de Kung-Fu».

Em LAGOS, no Teatro Cinema Império, hoje, «Hércules e a rainha» e «Bate primeiro Freddy»; amanhã, «A piscina»; terça-feira, «Bananas»; quarta-feira, «O cruel vingador»; quinta-feira, «Serpente com pele de mulher».

Em LOULÉ, no Cine-Teatro Louletano, hoje, «Fúria selvagem».

Em PORTIMÃO, no Cine-Teatro, hoje, «Os 5 bandoleiros» e «Desapareceu um espião» e às 0,30 horas, «Amores de vampiros»; amanhã, «Paraíso ao sol»; segunda-feira, «Amigos até ao fim»; terça-feira, «A virgem e o sortilégio»; quarta-feira, «Nem tudo o que vem à rede é peixe»; quinta-feira, «O nosso amor de ontem»; sexta-feira, «Cleópatra Jones».

Em SILVES, no Cine-Teatro Silvense, hoje, «Os aventureiros de Santa Trinitá»; amanhã, «Aquele inverno em Veneza»; terça-feira, «O crocodilo»; quinta-feira, «Noite sem fim».

Em VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO, no Cine-Foz, hoje e amanhã, «A golpada»; terça-feira, «Tarzan e o grande rio»; quinta-feira, «Dillinger».

Necrologia

D. Maria Rita Matos Teixeira

Faleceu em Faro, realizando-se o funeral para Vila Real de Santo António, a sr.ª D. Maria Rita Matos Teixeira, de 35 anos, natural da mesma vila, filha da sr.ª D. Rita Matos e de Francisco Teixeira, já falecido. Era irmã da sr.ª D. Isabel de Fátima Matos Teixeira e do sr. Francisco Teixeira e cunhada da sr.ª D. Helena Teixeira e do sr. José Soeiro dos Reis.

A saudosa extinta trabalhava desde há anos nos escritórios da Empresa Litográfica do Sul, sendo geralmente estimada, por suas qualidades e trato, não só pelos colegas de escritório como por todo o pessoal das oficinas, em quem as inesperadas circunstâncias em que se deu o falecimento causaram profunda mágoa.

O funeral, após missa de corpo presente, constituiu grande manifestação de pesar.

D. Idalina da Costa Pereira Ataíde Ferreira

Faleceu em Faro, onde há muitos anos residia a sr.ª D. Idalina da Costa Pereira Ataíde Ferreira, de 82 anos, viúva, natural de Armação de Pêra.

Era mãe da sr.ª D. Maria Clotilde Ataíde Ferreira, casada com o dr. Manuel Soares Cabeçadas, cirurgião no Hospital de Faro e dos srs. Manuel Ataíde Ferreira, funcionário público aposentado, casado com a sr.ª D. Maria José Cabeçadas; Fernando Ataíde Ferreira, gerente da Empresa Foz do Arade, casado com a sr.ª D. Natália Bastos Ataíde Ferreira; dr. Carlos Ataíde Ferreira, médico em Faro, casado com a dr.ª Madalena de Ma-

VILA NOVA DE CACELA

MARIA AMÉLIA PARRA RODRIGUES

MISSA

Maria de Lourdes Parra Rodrigues participa que no dia 4 às 11 horas será celebrada missa pelo eterno descanso de sua Mãe, na igreja de Caceia Velha.

AGRADECIMENTO

GENEROSA DA GLÓRIA MARTINS

Suas filhas e genros, muito reconhecidamente, agradecem a todas as pessoas que se dignaram acompanhar a sua querida mãezinha e sogra.

A todos bem hajam.

tos Brás Ataíde Ferreira, médica também na capital algarvia.

O funeral, que constituiu expressiva manifestação de pesar, efectuou-se da igreja do Pé da Cruz, após celebração de missa de corpo presente para o cemitério de Alcantarilha.

José Sancho Panasqueira

Em Alhos Vedros, faleceu o sr. José Sancho Panasqueira, de 86 anos, natural do sítio de Chibeira, S. Brás de Alportel, pai do sr. José Cipriano Alportel.

Também faleceram:

Em LISBOA — o sr. Manuel Luís dos Santos, de 42 anos, natural de Algoz, casado com a sr.ª D. Cremilde Almeida Monteiro dos Santos.

— a sr.ª D. Alexandrina Guerreiro de Sousa Alves, de 29 anos, natural de Lagoa, Algarve, casada com o sr. Francisco Manuel Alves Hermenegildo.

— a sr.ª D. Maria Eduarda Cid-Rey-Luna Crispim de Sousa Graça Martins, de 50 anos, viúva, natural de Tavira.

— a sr.ª D. Arnaldina do Carmo Tenel, de 52 anos, natural de Tavira, casada com o sr. António Mestre.

— a sr.ª D. Carolina da Conceição, de 81 anos, natural de Tavira.

— a sr.ª D. Felicidade Neves, de 62 anos, natural de Vila Real de Santo António, irmã da sr.ª D. Ermelinda Neves.

As famílias enlutadas apresenta o *Jornal do Algarve*, sentidos pésames.

Lotas

De 21 a 28 de Agosto

OLHAO

TRAINEIRAS:

Arda	82 877\$00
Diamante	78 590\$00
Princesa do Sul	77 350\$00
Farisol	65 890\$00
Garotinho	64 730\$00
Estrela do Sul	64 300\$00
Amazona	64 120\$00
Férola Algarvia	59 653\$00
Vivinha	56 700\$00
Alceirim	55 895\$00
Colmeal	49 930\$00
Nova Clarinha	44 033\$00
Portugal 6.º	40 800\$00
Maria Rosa	39 450\$00
Ilha de Sonho	38 800\$00
Nova S.ª Piedade	35 630\$00
Audaz	33 830\$00
Costa Azul	31 200\$00
Restauração	27 278\$00
Cajú	24 650\$00
Briosa	23 800\$00
Praia Três Irmãos	20 750\$00
Flor do Sul	18 030\$00
Rainha do Sul	14 260\$00
Prateada	8 900\$00
Agadão	8 700\$00
Liberta	7 900\$00
Ponta do Lador	3 028\$00
Total	1 141 076\$00

Demonstre o seu carinho com prendas «CARAVELA».



Vila Real de Sto. António

Mutualidade Popular

ASSOCIAÇÃO DE SOCORROS MUTUOS

SEDE—FARO

Perante a Direcção da Mutualidade Popular, Associação de Socorros Mútuos, com sede em Faro, correm éditos de trinta dias a contar da data da segunda publicação deste anúncio, para habilitação ao seguro misto, no valor total de dez mil escudos, deixado pela associação n.º 193-D. Isabel da Cruz Aguiar da Silva, solteira, maior, residente na Quinta da Vala, freguesia e concelho de Silves, que faleceu em 16 de Junho, passado, em S. Brás de Alportel.

São por este meio convidados todos os interessados a requerer dentro do prazo designado, o que julgarem de seu legítimo direito.

Faro e Secretaria da Mutualidade Popular — A. S. M., 10 de Julho de 1974.

Pela Direcção

O Secretário,

José António Viegas Libório

TINTALUSA... ...É tudo tinta!

Agente distribuidor para Faro, Olhão, Tavira e Vila Real de Santo António

Eduardo Nelson Sousa

Estrada de Quelfes, 3-B — Telefone 72918 — Olhão

PIGALLE FARO

ALFAIATES—CAMISEIROS

SALDA

A partir de 2 de Setembro

Restos de stocks das mais famosas colecções nacionais e estrangeiras, de Vestuário para Homem.

A preços muito abaixo do seu custo

Aproveite e pague

SALDOS COM CARTÃO

SOTTOMAYOR

BANKAMERICARD.

ASSINATURA

JOÃO SILVA
BANCO A.C. 00/00 BAC
938 123 456 789

Dr. Diamantino D. Baltazar

Médico Especialista

DOENÇAS E CIRURGIA dos Rins e Vias Urinárias

Consultas às segundas, quartas e sextas-feiras a partir das 15 horas

Consultório:

Rua Baptista Lopes, 30-A - 1.º Esquerdo

FARO

Telefones | Consultório 22013 Residência 24761



Viva despreocupado
Empregue o seu capital
Cesário & C.ª, Lda.

EXISTE PARA O SERVIR
Vende, compra e troca

MORADIAS
ANDARES
APARTAMENTOS

em regime de propriedade horizontal
Encarrega-se de todos os contactos com inquilinos

Sede: Rua José de Matos, 33
Telefs. 26216 ou 25998 de FARO

POEMA

Eu próprio sinto na carne,
a seiva da exploração.
Eu próprio sinto na pele,
o suor da exploração.
Eu próprio sinto a raiva,
o ódio pela exploração,
Eu próprio sou fruto,
efeito — produto,
da exploração.
E tu homem-camarada,
que és? Que fostes?
Que continuas a ser,
se não,
causa — efeito — produto da explo-
[ração?!

Vila Real de Sto. António, 22-8-74
Jorge Soeiro

MORADIA OU APARTAMENTO
em Vila Real de Santo António

Compra-se, de preferência no
centro da vila, ou zona da Escola
Secundária.
Informações para a Rua Sousa
Martins, 68 — Vila Real de Santo
António.

SERVICE OFICIAL DIESEL
BOSCH — OAV — SIMMS
MAQUINAS ELECTRONICAS
PESSOAL ESPECIALIZADO
EXECUÇÃO RAPIDA
Ao seu dispor nas
OFICINAS ARMANDO
DA LUZ
ZONA DO DIQUE — Tel. 2405
PORTIMÃO

Teve muitos concorrentes
o IV Festival de Cinema
do Algarve

Organizado pelo Grupo Juvenil
de Cinema do Boa Esperança Atlé-
tico Clube Portimonense, terminou
o IV Festival Internacional de Ci-
nema Amador do Algarve que ofe-
receu os seguintes resultados:
Categoria A: 1.º, «Mineiros da
ardósia», de José Manuel Lima
(Porto); 2.º, «Nihil obstat», de Luis
Vidal Lopes (Lisboa).
Prémios especiais: «O rio e a sua
gente», de Francisco Bastos (Lis-
boa), «E preciso um país», de Mo-
reira de Pinho (Porto) e «A teia de
aranha», de Michaelis de Vascon-
celos (Lisboa).
Menções honrosas: «Um certo
pesadelo» e «Umas certas botas»,
de Francisco Amaral (Coimbra),
«Veneza, qualquer tempo», de Gui-
marães Amora (Torres Novas), «O
pedestal», de Manuel Matos Bar-
bosa (Oliveira de Azeméis) e
«Pontana Rosa» de Gil Baudrant
(Le Cannet, França).
Categoria B: 1.º, «Oásis», de
Guy Cantenot (Le Cannet, Fran-
ça); 2.º, «O abcesso» de Artur Vi-
lares Oliveira (Porto).
Durante as sessões públicas e
por votação entre os assistentes,
a taça «Público» foi atribuída ao
filme «O rio e a sua gente», de
Francisco Bastos (Lisboa), um dos
grandes do cinema amador portu-
guês que a morte arrebatou pre-
maturamente e que foi alvo de home-
nagem no decurso deste festival.

PORTO
POÇAS
JUNIOR

Um produto da rede distribuidora **PROLAR**
DEPOSITOS - FARO telef. 23669 - TAVIRA telef. 62287
PORTIMÃO telef. 23685 - MESSINES telef. 45306/07/08/09

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS
EST.ºS TEÓFILO FONTAINHAS NETO COM.º E INDA, S.A.R.L.
Telex 08233-Teleg. Teof. - Telef. 45306/07/08/09 - Caixa Postal 1 S. B. de MESSINES - Algarve - Portugal

Saúde não é só saúde!

(Conclusão da 1.ª página)
bem como as famílias dos que es-
tudam em más condições de nu-
trição, de alojamento, de aprendi-
zagem! Aqui não podemos ocultar
o esforço do Centro de Saúde Es-
colar de Lisboa onde aliás se reali-
zam, todas as sextas-feiras, pel-
las 9 h. e 45 m., os encontros in-
formais com o «Grupo de Traba-
lho para a Infância e Juventude».
Alertados vamos, pois, ficando
com os testemunhos ouvidos e, por
tal motivo, acompanhamos, sempre
que possível, as mesas-redondas
organizadas pela Emissora Nacio-
nal, no Programa da Manhã cuja
dinâmica e oportunidade de temas
e de colaboradores nos apraz evi-
denciar. Eis um verdadeiro servi-
ço de informação e formação que o
País desconhecia. A nossa Provin-
cia continua a marcar posição nes-
tes diálogos e não foi sem espanto
que ouvimos lamentos de médicos a
aguardar respostas, a insistir por
respostas e a recer que os seus
relatórios e sugestões continuem a
ir para o fundo das gavetas.
Pois é verdade que neste magno
problema da saúde nem só o pes-
soal médico e paramédico há-de
estar vigilante: todos precisamos
de limpar bem a areia dos olhos e
entrar na campanha que, afinal, é
para bem de todos. Há que inter-
vir, dialogar, insistir para que não
fiquemos passivamente a comentar
os erros e lacunas e a recriminar
os que não os impediram. Por-
to, Coimbra, Lisboa e Faro têm os
microfones abertos e os telefones à
espera pois em cada emissor há re-
portagem viva e resposta a dúvidas
e perguntas, nem que por vezes
incompletamente nos satisfaça. E,
pois, cada um de nós, veículo de
quanto ouve, aprende e interessa
divulgar. Nesta permuta informa-
tiva dar-se-á vida aos depoimentos
e conclusões de quem para nós
falou.
E, porém, incontestável que nes-
ta variedade de problemas a falta
de pessoal não explica todo o de-
ficiente serviço dos hospitais, da
previdência, da saúde escolar, etc.,
etc. Isto é um compartimento de
todo o edifício que é a nossa socie-
dade e se os hospitais escasseiam e
não há camas suficientes nem ban-
cos de urgência, nem pessoal que
atenda, a certas horas e em certos
dias, num estabelecimento hospita-

Gasa do Povo de Alcantarilha,
Pêra e Armação de Pêra
com sede em Alcantarilha

Está aberto concurso para admiss-
são de ASPIRANTE desta Casa
do Povo, pelo prazo de 30 dias a
contar da data da 1.ª publicação.
As condições de admissão ao
concurso estão patentes na sede
da referida Casa do Povo.
Alcantarilha, 26 de Agosto de
1974.
O Presidente da Comissão,
José da Silva Sequeira

Escotismo

O Grupo n.º 77 da Associação
dos Escoteiros de Portugal (A. E.
P.), com sede em Faro, tem em
funcionamento no pinhal da Ará-
bia (arredores da praia de Faro),
um campo de férias para elemen-
tos daquele movimento juvenil.

Empregado/a

Que saiba de exportação e
importação.
Apartado 42, Vila Real de
Santo António.

Carta aberta
ao director de uma colectividade

Fui assistir a uma reunião de
determinada colectividade em cuja
sede só é permitida a entrada de
associados. Creio até que já me
referi a este assunto em qualquer
lado, mas voltando ao assunto, ou
seja o facto de ter ido assistir à
citada reunião, a qual realizava-se
para que os associados ouvissem
uma pessoa formada a analisar
certos e determinados problemas
políticos, por certas e determina-
das perspectivas. Essa pessoa fa-
lou... falou, eu ouvi, escutei até
com bastante atenção, claro en-
quanto me foi permitida a presen-
ça na citada reunião. Na verdade,
estou de acordo que os conhecimen-
tos da associação/colectividade de-
vem ser exclusivamente dirigidas
para os membros associados, pois
se estes chegam aos elementos da
reacção é um perigo para o futuro
da colectividade.
Toda e qualquer actividade da
colectividade deve ser exclusiva pa-
ra os sócios... os não sócios, as
grandes massas, para esses há
campos de futebol, praças de tou-
ros e essa é a melhor forma de
adquirirem conhecimentos, de se
consciencializarem, etc... etc...
Não podemos esquecer que este
processo foi utilizado durante qua-
renta e oito anos (e não sei quan-
tos mais) e os resultados são bus-
tante positivos, são bem evidentes.
Não é verdade, senhor director?!

É um facto.
Não pode escrever!
Só tenho isto a dizer-lhe dignis-
simo senhor director, defensor da
vanguarda operária...
1) A sua atitude serviu-me de
exemplo.
2) Já não entro para sócio.
3) Assim, tenho novos elementos
para analisar o trabalho da colec-
tividade.
4) Vejo como os princípios dem-
ocráticos são salvaguardados.
5) Já sei o que é unidade...
igualdade, etc., etc.,
6) Já sei como se forma uma
vanguarda.
7) Já sei que é só ouvir... não
escrever e mais, só obedecer...
8) Agora compreendo o que é
alienação.
Para terminar, esta palavra:
«Obrigado»!!
Sousa Pereira

Nota — A citada colectividade,
pode ser uma colectividade, pode
ser a sede de um partido político,
pode ser o que você, amigo leitor,
quiser. Leia esta carta e talvez um
dia possa utilizá-la na sua própria
vida; a mim, já serviu: escreveu
Mao Tsé Tung: «Tudo o que é reac-
cionário é sempre igual». S. P.

AMENDOIM
DE ISRAEL
GRADO - SABOROSO
NUTRITIVO
COM AMENDOIM
DE ISRAEL MAIS
VITALIDADE

Brandymel um brande
de mel e frutos.
Pizões uma aguardente
de medronho,
velha e especial.
2 especialidades que se recomendam

MUSEU — IMAGENS VIVAS

(Conclusão da 1.ª página)
não findou, e respondo agora.
— «Não... Não acho pouco; aliás
bastava-me um daqueles seus tra-
balhos para não achar pouco!!»
A arte de Cabanas, está ao servi-
ço da realidade humana, da his-
tória do homem, esse ser que veste
roupa, que calça sapatos, que fala,
que cospe, que tem doenças, que
faz versos, que, em suma, existe,
está no mundo.
Imagens, caras de homens, que nos
transportam, que nos transportam
a épocas diferentes.
Camões — «Mudam-se os tem-
pos mudam-se as vontades», mu-
dam-se as palavras, os gestos, o
antes e o depois de Abril.
Bocage — «Já Bocage, não sou»,
já eu próprio não sou, e as ima-
gens que me acorriam ao cérebro,
trazendo consigo palavras, a raiva
humana, as horas de cansaço, de
dedicação, de combate do meu ami-
go Cabanas.
Almeida Garrett, Eça, Camilo,
Antero do Quental, Aquilino Ribei-
ro, Guerra Junqueiro, nomes, que
nos dizem muita coisa, nomes de
homens que marcaram uma época,
a história do homem feita em ima-
gens de homens.
Fernando Pessoa — «Não sou
nada. / Nunca serei nada. / Não
posso querer ser nada. / A parte
isso tenho em mim todos os sonhos
do mundo».
António Aleixo — «Vós que lá do
vosso império / Prometéis um
mundo novo / Olhai bem, que pode
o povo / Querer um mundo novo a
sério».
Urbano Tavares Rodrigues —
«Escrevo o que compreendo... e nas
palavras me conheço».

Barcos de pesca e recreio
à vela e a motor
em poliester
reforçado com
fibra de vidro
Construídos por:
APM
R. Convento da Sr.ª
da Glória, 25
Telef. 63179 — LAGOS

A ARTE E O HOMEM

MEU PAI, SEMEANDO

Uma gravura que nos lembra e
nos arrebatava, de repente, do mun-
do-museu, para o mundo-exploração,
para o mundo-sacrifício.
«Pesca no Algarve» — o esfor-
ço humano daqueles que nascem,
sem saber para o que nascem, «os
filhos dos homens que nunca for-
ram meninos».

TU PENSAMENTO NÃO
ÉS FOGO, ÉS LUZ

Estas palavras estão numa xilo-
gravura exposta, que faz parte da
obra de Cabanas. Com elas, reco-
rdo a força das palavras, e sinto
que as palavras podem ser fortes,
e sinto que as imagens podem ser
fortes.
As palavras, as imagens e a sua
força.
Os homens, as palavras dos hom-
ens, as imagens dos homens, a
realidade dos homens, o esforço, o
combate, a vida dos homens, tudo
isto, e não só, podemos encontrar
na obra de Manuel Cabanas.
«Da arte à revolução, da revolu-
ção à arte», a luta nas imagens.

SE NÃO HÁ VENTO, O
REMÉDIO É REMAR

Outra frase, que lá encontrei...
se não há vento, se não há outra
forma de viver, o melhor é lutar,
lutar até ao fim e conseguiremos
vencer as águas do rio, mesmo que
elas sejam fortes... é preciso re-
mar.
É urgente remar.
Uma última palavra, esta, para
Manuel Cabanas:
Obrigado.
Sousa Pereira

Respondi: — Não.
E tudo ficou por aqui.
Continuei a assistir à reunião.
Por mero acaso, por hábito, por
necessidade própria de um indivi-
duo que não quer ser conduzido,
ou alienado (bolas, bastaram to-
dos estes anos de subserviência!),
e mais, numa reunião com o carac-
ter daquela, na qual se efectuava
uma análise da situação política
actual, é bem evidente o acto de
se recolherem elementos, para, co-
mo já disse, por mim próprio efec-
tuar uma análise e também para
ir ao encontro dos conhecimentos
dos associados da colectividade,
peguei de novo na caneta e escrevi.
O director avançou, chegou jun-
to de mim, pegou na folha em que
eu escrevi, rasgou-a e levou-a.
Olhei estupefacto e não me admi-
rei, pois na verdade a censura cor-
tou-me algumas coisas, e tenho
conhecimento de que a própria
Pide procedia com esses métodos.
O digníssimo director disse:
— Você vê alguém a escrever?
Você não é sócio, também não es-
creve...
Então eu disse:
— Não sou sócio e como é que
eu posso aderir à colectividade sem
ter um contacto com os conheci-
mentos dos associados...
O digníssimo director, então,
disse:
— Faça isto e faça-lhe mais...
ponha-se lá fora...
E pegou-me no braço.
Eu saí.
Olhei a sede da colectividade, de
longe... de longe, e pensei, em li-
berdade, em liberdade.
Olhei... olhei...
E sabe, senhor director, recordei
os tempos das reuniões, só para
membros da ANP/UN.
De facto, a imagem que trouxe
dessa colectividade foi a de que era
um foco de reacção, de luta anti-
operária e, como ouvi, na citada
reunião: «a reacção está agora a
levantar a cabeça».

PORTO • RUA FORMOSA, 173/PRAÇA VELASQUEZ, 261

AO SERVIÇO DA MÚSICA
DO NORTE AO ALGARVE

INSTRUMENTOS MÚSICAIS

PORTIMÃO • RUA DR. GUSTAVO CORDEIRO RAMOS, 108

RUVINA

Vende-se

Casa, pela maior oferta na
R. Cândido dos Reis, 89 em
Vila Real de Santo António.
Tratar por carta. C. da Es-
trela, 27-4.º — Lisboa — Te-
lef. 679494.

CORREIO de LAGOS

ESPECTÁCULO DIGNO DE QUE LAGOS POUCO APROVEITOU

Talvez porque em Lagos se propaganda com mais facilidade o que pouco ou nada vale do que o realmente válido, a representação da peça «Noite de guerra no Prado» de Rafael Alberti, no passado dia 23 no Cine-Teatro Império, desempenhada com arte tal que nem demos pelo tempo de actuação, foi assistida por ínfimo número de pessoas.

A assistência foi unânime em aplausos, mas a dor dos que sabem sentir o alheamento pelas coisas de cultura e arte ficou, sendo pois de lastimar que os programas da Comissão Cultural de Lagos, não tivessem a devida projecção, pois se não passássemos pelo cinema ao anoitecer do dia 23, teríamos perdido um espectáculo digno de ser visto, pela irrisória importância de 10\$00.

A Câmara Municipal e a C. R. T. do Algarve colaboraram, mas a C. D. E. de Lagos, que nos consta ter-se interessado em colaboração com a C. D. E. de Portimão, para a vinda dos Boncreiros, dado o desapego dos lacobrigenses pelas coisas de cultura e arte, bem lhe ficaria actuação que fosse de molde a vermos casa de lotação esgotada, contra a minoria de presenças que agora nos causou pena.

A MAIORIA DO POVO ACEITA O PREÇO DO PÃO, MAS RECLAMA PESOS EXACTOS

Após o aumento do preço do pão, muitos casos chocantes se passaram em Lagos, por constar que a vizinha Portimão continuava praticando os anteriores preços. Pão de mistura vendido pelo preço de 1.º, pesos inexactos, a ponto de algumas pessoas terem recorrido às Forças Armadas. Entrando, porém, em período mais calmo a maioria aceita o preço, convencida de que o Governo vai aumentar substancialmente o preço do trigo, mas reclama, em nosso entender com justa razão, pesagem exacta.

Durante o regime fascista escrevemos dezenas de apontamentos dedicados às falcatruas permitidas, que por uns eram tomadas como de fabrico e por outros como de pesagem. As balanças eram só para vista. Que agora se pese o pão e para o que tenha falta superior a vinte gramas, surja a multa correspondente.

OBRIGADO AO BOA ESPERANÇA ATLÉTICO CLUBE PORTIMONENSE

Apesar de a juventude lacobrigense não ter corrido como era de esperar, à exibição de filmes que o Boa Esperança Atlético Clube Portimonense, promoveu na Escola Conde Ferreira, nos dias 19 e 20, Lagos está grata a este prestimoso clube, que com a presença do grande amigo do cinema amador José Gregório Duarte e sua equipa de trabalho, muito contribuiu para despertar interesse por uma modalidade cultural bem digna de ser intensificada.

Nas duas sessões a que tivemos a honra de assistir, filmes houve que despertaram especial atenção, como «A cidade», «Tela de aranha», «Lodo», «O rio e a sua gente», bem demonstrativos de que os autores são possuídos de forte espírito de imaginação, do que resulta tirarem partido das imagens que focam e das paisagens escolhidas para mais vida nas suas obras.

Os colóquios que se seguiram à exibição dos filmes, orientados pelo arquitecto Cordovil, valorizaram grandemente as sessões, pois que os mais entendidos na arte, tiveram ocasião de apresentar sugestões, tendentes a mais e melhor cinema de amadores, sendo pois de esperar que o V Festival de Cinema Amador do Algarve não inferiorize o IV, de que Lagos já aproveitou algo, e nós a medalha comemorativa, recebida das mãos de José Gregório Duarte, que há 10 anos luta para que no Algarve se desenvolva mais gosto pelo cinema amador.

IRÁ LAGOS FICAR SEM EFECTIVOS MILITARES?

Empenhado o Governo no equilíbrio económico que se impõe para assegurar a todos os portugueses situação social condizente com os princípios democráticos, vai reduzir de forma substancial os efectivos militares.

Com esta medida, consta que Lagos ficará privada de efectivos militares, o que, a dar-se, contribuiria grandemente para apagar as tradições militares de que a cidade se orgulha e deixará desprotegida uma zona estratégica que se nos afigura de capital importância para recepção de navios nacionais e estrangeiros, que escolhem a baía de Lagos para ancorar.

No Algarve ficará decerto o R. I. 4, esperando Lagos que, no caso de não vir a ser dotada com efectivos da Armada, seja ao menos com um terço do efectivo do R. I. 4, ficando assim servidas as localidades com mais tradições militares, sem prejuízo das medidas de economia que se impõem para que venha a ser cumprido o pro-

grama do Movimento das Forças Armadas.

Contentar todos está no espírito dos que presidem aos nossos destinos. Que seja pois possível a prática das sugestões que, como militar e amigo da cidade, apresentamos, para que a terra que foi berço de heróis e santos viva no coração de todos os portugueses, e venha a dar exemplo de solidariedade e amizade.

O DR. JOSÉ CASTEL-BRANCO MANTÉM CONSULTÓRIO EM PORTIMÃO

Estamos grato ao dr. José Castel-Branco por carta em que pede para com o relevo possível desfazeremos um equívoco que, em boa razão, não existe se compararmos o anúncio de carácter permanente, no *Jornal do Algarve* que indicava consultas às segundas, quartas e sextas-feiras em Lagos na Rua Cândido dos Reis, 147 e terças e quintas-feiras em Portimão às 17 horas, na Rua Dr. Manuel de Almeida, 2-3.º eq., com o inserto no *Jornal do Algarve* de 27 de Julho que diz segundas, quartas e sextas-feiras às 15 horas e terças e quintas-feiras às 18 horas na Rua Baptista Lopes, 24-1.º dt., em Faro. Não temos o direito de duvidar do funcionamento do consultório em Portimão, mas algo falta esclarecer, pelo facto de consultas marcadas todos os dias úteis em Faro e em horas muito aproximadas das anteriormente marcadas para Portimão.

Como da boa colaboração muito pode resultar de benefício para as populações, confiamos em que o dr. José Castel-Branco se convença de que sempre nos animaram e animam boas intenções e torne público o que falta para completo esclarecimento.

AS «CARTAS ABERTAS» E A FISCALIZAÇÃO

Temos acompanhado com interesse as cartas abertas aos antifascistas algarvios da autoria de Torquato da Luz e a n.º 3, obrigados a defender uma fiscalização rigorosa, e medidas enérgicas no sentido de se evitar a escalada dos preços dos alimentos, principalmente do peixe e da fruta, que, como o autor refere, em face do que constatou na zona barlaventina do Algarve, atingem preços autenticamente especulativos, sem que os produtores ou os pescadores aproveitem algo das manobras dos intermediários.

A vizinha Portimão, pelo comunicado que a Comissão Administrativa da Câmara Municipal fez inserir no *Jornal do Algarve* do passado dia 10, dá o exemplo de como se deverá agir no sentido de evitarmos a especulação no preço do peixe.

A acção que a Comissão desenvolveu para uma solução condigna é digna de registo, mas como não conseguiu atingir os fins que justamente visou, pelos males que vêm de longe, vai levar os factos ocorridos em volta do assunto ao secretário do Estado de Abastecimento e Preços e à Secretaria de Estado das Pescas.

Como nos que actualmente presidem aos destinos da Nação, há o empenho de acertar, convictos estamos que o apelo da Comissão

Confraternização do pessoal do Batalhão de Caçadores «Vasco da Gama»

Em Setembro de 1954, formou-se na Escola Prática de Infantaria em Mafra, o Batalhão de Caçadores «Vasco da Gama», constituído por elementos de todos os pontos do País, incluindo a Ilha da Madeira.

Uma comissão que para esse fim se organizou, promove no dia 14 do próximo mês, um encontro de confraternização (o 1.º que se realiza) comemorando o 20.º aniversário daquela unidade expedicionária.

O programa previsto é o seguinte: 10 horas, concentração junto ao Mosteiro dos Jerónimos (Belém); 10,45, missa na igreja dos Jerónimos, sufragando a alma dos camaradas já desaparecidos; 13, almoço de confraternização.

As inscrições para o almoço podem ser feitas desde já para o telefone 368630, em Lisboa, nos dias úteis das 16,30 às 19 horas. O prazo de inscrição termina no dia 6 de Setembro.

Casa em Albufeira

Vende-se, acabada de reconstruir. Localizada sobre a praia. 2 quartos, living, cozinha, 2 casas de banho, arrecadação e amplo terraço.

Trata Luís António Costa do Rosário — Rua de Santo António, 33 — Faro.

Exercício de fogos reais na região da Quinta da Torre de Ares

O Centro de Instrução de Sargentos Milicianos de Infantaria, de Tavira, executa das 8 às 18,30 de 2 a 6 deste mês, um exercício de fogos reais com armas pesadas de Infantaria, na região marítimo-costeira da Quinta da Torre de Ares tendo os seguintes limites a região interdita das 7,30 às 19 horas dos referidos dias: a Leste, por uma linha que une o casario de Torre de Ares ao marco trigonométrico do Barril — 0; a Sul, por toda a zona da ilha compreendida entre o marco trigonométrico do Barril — 0 ao posto da Guarda Fiscal do Homem Nu; a Oeste, por uma linha que une o Posto da Guarda Fiscal do Homem Nu, posto da Guarda Fiscal de Torre de Ares e Ribeira da Luz; e a Norte, por um caminho que corre quase paralelo à costa, desde a Ribeira da Luz até ao portão de entrada para a Quinta da Torre de Ares.

Qualquer engenho que eventualmente venha a ser encontrado na referida zona, após a execução dos fogos, não deve ser tocado mas sim sinalizado, comunicando-se o seu achado àquele Centro, o mais rapidamente possível, a fim de com meios convenientes, se proceder à sua destruição.

CITROEN D 20 SUPER

De 5 velocidades, impecável, vende V. Castelo, telefone 22105 — Portimão.

Escola Dactilográfica Algarvia Portimão

Rua Dr. Gustavo Cordeiro Ramos, 116 Telef. 22542

Junto ao edifício da Escola Industrial

— Cursos com diplomas, em regime de coeducação

— meios de ensino AUDIO-VISUAIS

— DACTILOGRAFO pelo famoso método decadactilar-rítmico

— ESTENOGRAFO por um novo e agradável método de ensino

— Seja na realidade um competente

ESTENO-DACTILOGRAFO!

— O Curso de dactilógrafo inclui aprendizagem em máquinas de escrever eléctricas, fotocopiadores, duplicadores, calculadoras electrónicas, etc.

portimonense, não será em vão, e em breve surgirão medidas que nos libertem da ganância de determinados compradores de peixe, que julgando-se donos das lotas, vêm praticamente ditando leis que os protegem, em exclusivo prejuízo dos consumidores.

Joaquim de Sousa Piscarreta

Trespasa-se

Mercearia e Drogeria, bem situada, no Bairro das Cardosas, em Portimão.

Trata o próprio João de Jesus Barreira.

PEÇA O QUE QUISER!

os portes do correio são GRÁTIS

só paga o justo valor do que comprar

DISCOS LP-STEREO A 100\$00

com gravações de Ray Charles, Pasodobles, Tangos e uma grande série de Hit Parade

DISCOS LP-STEREO A 130\$00

com gravações de Anita Guerreiro, Francisco Gouveia, Joaquim Cordeiro, Raul Pereira, Carlos Arcias, Maria João Quadros, Márcio Ivens e Fernanda Batista

PANELA PRESSÃO

4 Lt. 320\$00
6 Lt. 445\$00
8 Lt. 545\$00

VISOR WIEW MASTER

com um disco-amostra de imagens em relevo 93\$00

Carteira com 3 discos 59\$50

PEÇA GRÁTIS O CATÁLOGO GERAL

Barbequim da BLACK & DECKER 350\$00
Lixadeira da BLACK & DECKER 160\$00
Serra circular da B. & DECKER 175\$00
Caixa c/ 12 garfos para doces 27\$50
Colcha tipo fustão inglês 128\$00
Mala-pasta Escolar em cabedalex 135\$00
Caixa com 12 lápis de cor 8\$50
Banheira para bebé, plástica 115\$00
Cestinho para pão, em plástico 13\$00
Camisas em Polyester, do 37 ao 40 75\$00

O Meu nome é Eusébio 40\$00
A história do «Rei» em livro

NÃO MANDE DINHEIRO!

Você só paga quando o carteiro apresentar a sua encomenda. Escreva para o APARTADO N.º 15 — CACEM

TAUROMAQUIA

MENOS GENTE NA TERCEIRA CORRIDA DA TEMPORADA EM VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Não sabemos que conceito faz a empresa Damião Ferreira, arrendatária da Praça de Touros de Vila Real de Santo António, do público que frequenta a mesma Praça, mas afigura-se-nos que não será dos mais lisonjeiros, dados os fracos «cartéis» com que normalmente o apresenta.

Na corrida agora efectuada, terceira da época, tivemos Gustavo Zenkl, Vitor Ribeiro e José Manuel Lopes, ou seja dois cavaleiros profissionais, o último dos quais não deixara saudades na sua actuação de quinze dias antes, e um amador, decerto com boa cotação entre os e as jovens da sua idade, mas que

ainda não consegue satisfazer quem tenha algum «calo» nisto de assistir a corridas de touros.

Claro que, sem interesse para aquela parte do público que já «entende» alguma coisa de touros, a corrida não teve mais de meia casa, e esta mesmo com larga percentagem de estrangeiros, alguns dos quais, segundo observámos, assistiam pela primeira vez à «fiesta».

Gustavo Zenkl saiu-se bem, como se esperava, com um toureiro alegre e descontraído, cravando muita ferragem, alguma boa e outra regular e tendo como prémio, em cada dos dois touros que lidou, volta à arena com música, flores e variadas peças de utensílio.

Vitor Ribeiro esteve melhor no seu primeiro que no segundo, com ferragem boa, regular e fraca. Agradeceu nos médios no primeiro, em que uma escorregadela do cavalo provocou emoção no recinto e a pronta intervenção de bandarilheiros, forcados e mais pessoal em praça, contribuiu para evitar uma possível tragédia.

José Manuel Lopes actuou de acordo com as suas possibilidades, cravando pouca e não muito boa ferragem.

De registar o bom trabalho dos Forcados Amadores de Alcochete, com cinco pegas espectaculares à primeira tentativa. — Z.

TOURADA EM FARO

No passado dia 18, realizou-se na praça de touros de Faro, a segunda corrida nocturna da temporada.

Não vamos dar a notícia com a finalidade de fazer a crítica do espectáculo, já que para isso — apesar de aficionado — não temos os necessários conhecimentos técnicos que nos levassem a fazer um trabalho honesto. Damos-lhe, sim para criticar a pouca consideração que o empresário sr. Damião Ferreira tem pelos aficionados da Província, pois que nas duas nocturnas efectuadas em Faro, a música — que tanto embeleza o ambiente — primou pela ausência, apesar de nos cartazes, se anunciar a Banda de Loulé...

Antes da corrida do dia 18 foi anunciado ao público presente que a ausência da música se devia à morte do matador José Falcão, tragicamente caído em Barcelona. Então na primeira, qual foi o motivo? Desculpas destas não servem, porque os algarvios não gostam que lhes atirem poeira para os olhos e não é com atitudes destas e com curros como o lidado no dia 18 que se consegue captar adeptos para a «festa brava» no Algarve.

José Gil

Apartamentos Vendem-se

A 50 metros da Praça Marquês de Pombal com facilidade de pagamento.

Apartado 42, Vila Real de Santo António.

A Firma Ataíde & Neves (Sequeiras), Lda.-Algoz, admite capatazes de estradas e mecânicos com carta profissional.

CARTAS a Redacção

O QUE SE CONSIDERA INJUSTO NAS CASAS DO POVO

Será justo que um sócio efectivo da Casa do Povo, que se atrasa com os pagamentos das quotas, por esquecimento ou por qualquer outra circunstância, seja castigado em dois meses sem consultas médicas, sobre um de atraso de pagamento das quotas, mesmo depois de os pagamentos satisfeitos, como aconteceu comigo?

Fui um dia para pagar as quotas que tinha em dívida, mas por esquecimento do cartão de sócio, não pôde ser satisfeito esse pagamento. E, como a minha vida profissional não permite que eu vá constantemente a Castro Marim, atrasei-me mais uns dias e quando fui pagar, disse-me o funcionário da Casa do Povo, que depois do pagamento efectuado, só dá a três meses ter consulta médica.

Ora, eu não considero isto justo, porque a lei para ser justa e cumprida, deve principiar na raiz. Disseram-me os funcionários da Casa do Povo que isso não era com eles, mas com a Delegação de Faro. Seja com quem for, digo é que as Delegações das Casas do Povo, ou qualquer outra organização que a esse fim diga respeito, não têm os pagamentos assim tão em dia para a coisa ser tão correcta. Tenho conhecimento de que a Casa do Povo de Castro Marim chega a três meses de pagamento por invulgar ou velhice, em atraso e por tal motivo penso que deve haver alguém a olhar por isso, e que a coisa dentro de curto prazo se normalize.

As Casas do Povo fazem os pagamentos que a elas dizem respeito, quando têm dinheiro e podem e por isso acho que com os sócios deve ser a mesma coisa; é preciso é que, na hora da consulta, os pagamentos estejam em dia, até porque dizem que o fascismo já acabou em Portugal. E tanto assim que essa lei foi decretada pelo antigo regime, e se a coisa continua a funcionar com a mesma severidade, não sei o que dizer...

S. Bartolomeu do Sul

António Teresa Mariano

DIFICULDADE DE ABASTECIMENTO EM PORTIMÃO

O abastecimento do pão e do leite em Portimão, processa-se de forma dramática.

A população desta cidade, vê-se em sérias dificuldades para adquirir estes produtos. Nos locais de abastecimento, nos postos de venda, aglomeram-se por vezes centenas de indivíduos, que algumas vezes, ficam privados de obter esses alimentos de primordial importância para a subsistência. Por vezes geram-se conflitos, atritos, cenas patéticas, que nos fazem meditar na triste condição humana.

Se esta anormalidade é consequência da desactualização de preços destes produtos, pois que se estabeleça preços criteriosos. Nada de especulações, pois dessa psicose já está o povo farto. Que se estabeleça equilíbrio relativo entre o consumidor e o produtor, e que se acabe com esta autêntica vergonha. Quem são os responsáveis desta vergonhosa situação?

As sociedades cooperativistas defendem os interesses do público consumidor ou escravizam-no, numa das formas mais desumanas?

Dá-nos a impressão que o povo portimonense não faz parte de uma sociedade humana, mas sim de uma legião de famintos... Já basta de martírio.

Francisco Filipe Correia

«A PROPÓSITO DE DIVÓRCIO»

Do dr. Mário Machado, médico-cirurgião em Reguengos de Monsaraz, recebemos a seguinte carta:

Reguengos de Monsaraz, 12 de Agosto de 1974

Sr. director,

Agradeço a V. a publicação desta carta, motivada pela leitura da local «A propósito do divórcio» — (carta aberta a monsenhor Pardal) que suscitou em mim os comentários que se seguem, não pretendendo, como se inferirá, estabelecer polémica com qualquer dos senhores — José Lara ou com o próprio monsenhor Pardal; será antes o desabafo de uma pessoa que há 26 anos pena por ver restabelecido o divórcio em Portugal.

Tenho escrito desde o Papa ao meu Bispo; a vários; e por várias vezes aos senhores do outro tempo a quem agora chamam fascistas.

Já escrevi igualmente aos senhores de agora e que dizem que não são fascistas.

Pois, sr. director, nem uns nem outros me responderam.

Dos outros senhores, ditos fascistas, francamente não me perturbou muito a falta de resposta, mas agora, dos actuais, não entendo.

Não tiveram ainda tempo de tocar neste minúsculo problema, poderão dizer, — mas somos só 2 milhões os interessados.

Foi dada a liberdade a presos políticos, a presos de delito comum; prenderam-se pides, soltaram-se os chefes que gozam no Brasil liberdade; e nós, os mal-casados, continuamos sacramentalmente ligados, e, por isso, impossibilitados de constituir lares novos, à luz de todos e da lei. Já alvitrei que cada um dos novos casais que se deseje ligar de igual direito, participe a quem achar legítimo e conveniente, pouco mais ou menos assim:

«Fulano e Fulano, na impossibilidade legal de se casarem «juntaram os trapinhos» e participam a V. Ex.º oferecendo a sua casa».

Já vai saturando tanta indiferença por nós.

Tanto como qualquer população oprimida, presos políticos ou qualquer outro injustamente ofendido por discriminação, nós os que temos os nossos casamentos desfeitos, e só porque nos últimos canonicamente, temos o direito, exigimos o direito, de nos ser dado o divórcio. Se assim não for viveremos uma farsa democrática.

Se não tiver razão, agora que estamos em magistério de politização, aqui fico à espera que me demonstrem a minha sem razão.

Com os meus cumprimentos

Mário Machado

MOTIVOS QUE PODEM LEVAR A FALTA DE HIGIENE

Como todos sabem, a higiene é a raiz principal da saúde. Sem uma boa higiene, não poderemos ter uma boa saúde. Falando da minha freguesia, Alte, e Benafim Grande,

ARRENDA-SE

Área-estufas, cerca de 1,5 hectar zona São Bartolomeu do Sul. Terreno temporâneo com grande abundância de água.

Pode ceder-se o plástico em stock. Possui ainda área adjacente de 5 a 10 hectares, que poderá ser arrendada.

Trata — Ortenco — Centro Técnico de Contabilidade Mecanizada, Lda. — Rua Francisco Gomes, 47 — Telef. 290 — Vila Real de Santo António — Algarve.

são aldeias que têm boas condições para uma boa higiene, e não a têm.

Três factores principais contribuem para isso: falta de água canalizada, de esgotos, e de recolha do lixo. Muitas das pessoas sentem dificuldades em ser mais limpas, e com razão: são idosos, ou inutilizados; onde vão deitar o lixo? No canto mais pertinho, às vezes por detrás da porta! Outras vezes acontece a falta de transporte; está gente na rua, ou no café, e é feio ver-nos passar com um balde ou bidão que não cheira bem ao vizinho, etc.

Na minha maneira de ser, são estes três factores que contribuem para a falta de higiene. Portanto, sejamos úteis uns aos outros, trabalhemos com a máxima urgência, equipando estas aldeias, construindo assim um mundo moderno e limpo.

Com a ajuda de todos nada será impossível, quando se trata de coisas possíveis.

João da Silva Graça

CONTOS MINÚSCULOS

O Sétimo Dia

A brisa suave que nos acaricia levemente pelas costas e passa pelo bramir verdejante das folhas e das ervas altas e despreocupadas, refresca-nos a visão apaixonante destes momentos únicos para mim, do supremo prazer de ter comigo aqui, debaixo destes braços meus, rasgando o vermelho acutilante de um banco de jardim.

Está alto o repuxo centro do pequeno lago lodoso de idade e de monotonia paciente onde restolham mansamente deslizando por sob a água, filhos companheiros fiéis, escravos fatais deste círculo líquido e auto-renovado a cada instante, descendentes dos sempre iguais decedentes, sem sangue novo e vivo nas guelras encarniçadas, nem ovas do além que gerem a novidade, os peizes olham desconfiados, de lado.

Na relva que envolve a estátua símbolo bronze de alguém que não morreu, brincam crianças de caracóis bordejando as testas alvas e sem rugas.

Como é bom violar-se neste mundo de ilusão sentindo no contacto do meu corpo os teus seios apertados e quentes, unicamente livres por debaixo dessa blusa amarelo-canário que te canta tão bem como a cristalina sensação dos lábios generosos a beijar-se, apenas, a beijar-se.

Desfilam nesta tarde domingueira, domingueiramente emproados, os vultos curvados dentro das calças largas sem estética, de olhar cansado e indefinido, sem chama nem olhos.

As velhas, repuxando as saias

RESPOSTA AO 77

Quer queiramos ou não, a nossa vida é constituída ou resolvida, por acaso. Há alguns anos dedicava-me a escrevinhar. A juventude tem as suas ilusões e, eu, ainda não muito velho, não queria deixar os meus pergaminhos por mãos alheias. Também pretendia botar figura. Coitado de mim que, a par de certa incompetência, ainda usava um nome que não se conjugava com tantas aspirações. Não estou

a brincar, não, senhoras e senhores!

Sou daquelas pessoas que acreditam na influência baptismal, na sequência da vida humana. O meu nome é José que, reduzido, fica na expressão fria e pobre de Zé. Que esperar, então, de um Zé, mesmo que essas duas pobres letras sejam a derivação de um nome tão vulgarmente popular e, até, considerado como a suprema estampa do cristianismo? (Resalvo possível asneira).

MONTE GORDO

Trespasa-se estabelecimento comercial, bem localizado, podendo servir para qualquer ramo. Motivo à vista. Resposta à Redacção deste jornal ao n.º 17 966.

para os joelhos, falsas receosas de que se acenda alguma luz iné dita para o mundo.

As mulheres jovens, pintadas de fresco e apertadas nas coxas e nas dietas, de penteado estereotipado mas elegante, como belas que as reconheço e amo ciumento até à raiva.

Os machos, por fim, de quilha em riste e as barrigas paçadas e gordurosas escarrando suor nas camisas embainhadas pelos contornos disformes e feios.

Que nos interessam? Somos só nós quem passa. E quem vive o sublime clima de amar.

José M. Bota



a nossa terra...

- A sua terra é a nossa terra.
- A sua seara o nosso pão.
- O seu gado o nosso alimento.
- A sua casa é parte da nossa aldeia, da nossa vila, da nossa cidade.
- A sua família é parte da grande família que somos todos. Contribua para o progresso da sua terra, da nossa terra. Proteja a sua família, a sua casa, os seus haveres do perigo imprevisível, do acidente.
- A Ultramarina garante-lhe a valorização constante dos seus bens. E um futuro melhor para a sua família. Para a sua terra. Para a nossa terra.

COMPANHIA DE SEGUROS
ULTRAMARINA
onde o futuro é mais seguro

Que poderia um Zé qualquer contrapor aos muito ilustres Epaminondas, Demóstenes, Papaleonardos, Doulgaridis, Papadoupulos, Constantinus, Theodorakis, Alexandrinus, Makários, etc.? Resignado, aposentei-me! Mas o Mundo dá muita volta. E eu volto, agora algo mais velho, para comentar dois interessantes (!) casos que num só dia mereceram a minha atenção.

Hoje, dia 1 de Agosto de 1974, atacado pelo calor que aqui se fez sentir abeirrei-me de um estabelecimento público, recentemente construído e classificado como piscina e balneário, com pretensões a indagar se ali me seria possível tomar banho. A resposta da senhora encarregada e cobradora das respectivas senhas de entrada foi: «pode tomar duce se trouzer calções de banhos!»

A minha estupefacção foi algo monstruosa e só fácil de compreender para quem, como eu, se veja em dificuldades em tal época do ano. Então, ainda mal feito e nunca supondo que essa medida poderia ser uma das tantas a que nos obriga a moderna civilização destes adiantados países, retorquii, interrogando:

E, depois, V. Ex.º dá licença que eu lave os... calções?

Não tive tempo para ouvir a resposta. Retirei-me, pensando voltar no dia seguinte.

Já conformado e quase esquecido, cheguei a casa e dispus-me a ler as notícias do País (do nosso).

Chegou a vez do «D. N.» de 29 de Julho que, na terceira página, aquela que origina por vezes certa discordância entre os leitores do Jornal do Algarve, inseria um anúncio de «Casamento» com pedido de resposta para o 77 desse jornal («D. N.»).

O sete tem sido um número relevante para mim. Não posso recordar tudo quanto até hoje me fez dar-lhe tanta importância, mas aquilo do Continflas «Gendarme 77» que vi em criança, o 7 como signo da mentira, o que matava 7 de uma vez (moscas), um certo princípio no jogo de dados ou em combinação de números, etc., já seria bastante. Por isso, reli o anúncio e até achei que poderia responder.

Mas transcrevo-o primeiro: «Casamento — Jovem, bela, rica, com um pequeno defeito físico, pretende cavalheiro para fins matrimoniais. Exigem-se fotografia (mesmo de perfil), posição compatível (de preferência empregado), com sólida formação política. Resposta a...»

Se não se trata de uma brincadeira ou de reclamo cinematográfico, não vejo motivos para me eximir à resposta.

O pequeno defeito físico não deve ser na cara, já que se considera bela e, até, é possível que já nem seja defeito... nestes tempos. A fotografia a enviar, sendo em qualquer posição, favorece-me porque posso iludir os efeitos dos meus quase 150 cm. de largo. Quanto à posição, é garantida: Emigrante, com alguns anos de experiência.

Aquela do «exigem-se» é que me faz desconfiar...

Todavia, é a última condição que não poderei garantir e, por consequência, fico aguardando mais notícias que me esclareçam.

«Sólida formação política», que também pode querer dizer: politicamente bem formado. Ora, a política mais «sólida» que eu já conheci foi aquela que durou 50 anos e que terá acabado neste ano de 1974.

Bem formado em política também me seria impossível, porque desde criança que oigo minha avó com a mesma: «que a política é uma porca».

Resta-me a consolação de poder satisfazer a dita pretendente matrimonial, filiando-me no seu partido. Mas eles são tantos, minha senhora! Pode indicar-me a cor do fato que pretende para o dia da boda?

Resposta ao número 11 — 521 — Troisdorf — Postfach 1465 — Deutschland.

Atentamente
J. Corvo

Guarda livros Precisa-se

para Quarteira, com conhecimentos profundos e prática de contabilidade de custos e leis fiscais.

Resposta com referências, idade e ordenado pretendido a este jornal ao n.º 18 040.

Sugestão para o que deveria ser o parque de campismo de Monte Gordo

(Conclusão da 1.ª página)

muito ou pouco, e a não fazer qualquer melhoramento.

Grato pela publicação,

Joaquim Dias Caetano

Eis a exposição apresentada ao Município vila-realense:

Senhor Presidente e Vogais da Câmara Municipal de Vila Real de Santo António:

Os signatários, representantes escolhidos dos campistas do Parque Municipal de Monte Gordo, vêm apresentar à Ex.ª Câmara de Vila Real de Santo António, a seguinte exposição:

O Parque de Campismo de Monte Gordo não possui as condições necessárias à sua utilização pelo grande número de campistas que o demandam na época estival. Tal facto é do inequívoco conhecimento dessa Câmara, é do domínio público, particularmente em toda a região algarvia, e é prova provada por todos os campistas do País e por um grande número de estrangeiros.

A questão não é de agora. O parque nunca teve condições, mas tal facto nunca preocupou a Câmara Municipal que se tem limitado a recolher a enorme verba que resulta das taxas de utilização do Parque, sem se saber — campistas, municípios e população em geral — onde se tem gasto o dinheiro.

Com efeito, seria interessante saber o que tem feito a Câmara Municipal a cerca de 10 000 contos cobrados anualmente.

Os campistas que nos mandaram entender que a localização do Parque, não poderá sofrer alteração. E põem este problema como questão primária por constar que, para dar satisfação a interesses particulares e a caprichos meramente pessoais, se pensa na transposição do Parque para outro local. Tal facto, além de prejudicar os interesses dos campistas poderá vir a ter graves consequências económicas, pois é sabido que mesmo nas péssimas condições actuais, o Parque de Campismo é a maior fonte de receita do Município de Vila Real de Santo António. Denunciam portanto e desde já, qualquer tentativa no sentido de transferir para qualquer outro local a instalação do Parque.

Posto isto, os campistas reunidos em plenário, reclamam, com carácter URGENTE, as seguintes medidas:

- Uma eficiente segurança contra incêndios, incluindo um piquete de bombeiros e saídas de emergência devidamente sinalizadas;
- Vigilância nocturna;
- Sistema de rega dos arruamentos, enquanto estes não forem devidamente remodelados;
- Instalação de passadeiras de acesso à cantina e aos sanitários;
- Instalação de água quente, e, a título provisório, mais chuveiros no exterior;
- Reinstalação do Parque Infantil;
- Reparação das passadeiras de acesso à praia, e enchimento dos buracos dos arruamentos do Parque;

h) Garantir a segurança dos campistas, particularmente das crianças e dos diminuídos físicos, na travessia da estrada, sugerindo-se a instalação de sinalização eléctrica e uma «Zebra», enquanto uma passagem subterrânea não puder ser construída.

Depois de dez anos de promessas e manobras dilatatórias, entendem os campistas que é mais que tempo de solucionar as seguintes carências, que esperam ver solucionadas no próximo ano:

- Construção de faixas de rodagem;
- Construção de parqueamentos;
- Construção de um parque de estacionamento anexo ao Parque de Campismo;
- Aumento das instalações sanitárias e lava-loiças;
- Remodelação da instalação eléctrica;
- Higiene do Parque tendo em atenção as recolhas de lixo, desinfectação, esgotos, marcos fontanários, pias de despejos e todas as demais questões inerentes à indispensável sanidade de um Parque de Campismo;
- Criação de alvéolos demarcados, com zonas para caravanas e tendas, tendo em vista uma racional organização do Parque;
- Estudo e execução dum sistema de controle e identificação de entradas no Parque;
- Instalação de pelo menos mais uma cantina ou supermercado e adjudicação da respectiva exploração mediante concurso público, tendo em conta que a pluralidade de exploração de vários ramos de abastecimento (leite, pão, fruta, géneros alimentícios, refeições, etc.), conduzirá a uma concorrência benéfica aos utentes dos respectivos serviços;
- Revisão, com vista à sua actualização, do Regulamento do Parque, sugerindo-se consulta do Conselho Técnico da Federação Portuguesa de Campismo e Caravanismo de cuja superintendência, de resto, todo e qualquer Parque de Campismo deveria depender;
- Urge acabar com situações de

Carta aberta ao sr. Sampaio

(Conclusão da 1.ª página)

vivo de mal-entendido. Quer o sr. Sampaio referir-se ao perigo da constituição por via democrática de um governo de coligação esquerdista? Quer o sr. Sampaio salientar o perigo de um governo desse tipo ser subvertido pelos imperialistas, com todo o rol de misérias que essa subversão acarretou no caso chileno? Sinceramente, sr. Sampaio, estou perante uma situação de mal-entendido — o mal-entendido que o senhor criou.

E fui eu ou o sr. Sampaio quem falou nos «males da época de 1911 a 1926»? O que quer isto dizer, sr. Sampaio? Que a proclamação da República trouxe males inerentes? Que a República não soube usar de pulso forte perante a sabotagem movida por interesses e privilégios que ela contestava? Ou que os republicanos eram desonestos e queriam explorar o povo? Outro mal-entendido, sr. Sampaio, e outro que o senhor lançou.

E fui eu ou o sr. Sampaio quem falou dos «partidos que não são mais que uniões de amigos e familiares em que se ascende por simpatia...»? A quais se refere, sr. Sampaio? Porque turva as águas, em vez de as aclarar? Qual é a sua

pesca, sr. Sampaio?

E fui eu, sr. Sampaio, quem falou de certa imprensa diária que não se esforça por mostrar a verdade? Serei eu, sr. Sampaio, quem tem saudades da imprensa diária do anterior regime que, essa sim, discutia e informava? Outro mal-entendido, ou sub-entendido, e outro que o senhor criou.

Com estes exemplos — e mais poderia apontar-lhe, sr. Sampaio — afirmo que, em matéria de mal-entendidos, o meu artigo deixa muitíssimo a desejar à vista do seu.

Enternecido

A seguir, enterneceram-me os lamentos de que «nos 48 anos de absentismo forçado das massas activo-productivas» também o infeliz capital não-monopolista foi prejudicado, já que não se multiplicava. Naturalmente, todos sabemos que numerosos capitalistas não-monopolistas tiveram de emigrar para não morrer de fome e que a sua inquietação era tamanha que ao abrirem-se as prisões era vê-los a transbordar para as ruas.

Nesta óptica, excluída pelo sr. José Sampaio outra solução para os problemas nacionais que não a do capitalismo humanista, cheguei

JANELA DO MUNDO

(Conclusão da 1.ª página)

recentemente um plano foi apresentado com carácter global sob a designação de «Movimento Dinamizador Empresa-Sociedade». Expondo o seu programa ao Governo, incluiu nele uma verba de 42 milhões de contos em empreendimentos tu-

à sua questão fundamental posta a todos os cidadãos: a quem caberá a fiscalização das relações capital-trabalho? Uma vez mais o sr. Sampaio dá a chave do problema: «Portanto, não resta dúvidas, só ao Estado através do seu governo democraticamente eleito». Ignora, sr. Sampaio, que o regime deposto denominava-se uma democracia-orgânica? Não sabe, sr. Sampaio, que um governo na aceção do que sugere, e com as funções de árbitro que lhe atribui assemelha-se inquietantemente ao negregado corporativismo?

Numa palavra, sr. Sampaio, a julgá-lo por aquilo que escreve e pelos mal-entendidos que descortina, eu diria que, na melhor das hipóteses, o senhor é a poesia, é o capital com asas e halo.

A. B. C.

risticos, grande parte dos quais no Algarve.

Este Movimento mostra-se aberto a todos os que queiram contribuir para o desenvolvimento da economia e da sociedade portuguesa e considera os empresários responsáveis perante a gravidade da situação actual. E como condição básica para a reactivação da economia aponta a necessidade da criação de um clima de confiança quanto ao futuro. Em seguida, refere algumas das dificuldades que actualmente se encaram nos vários sectores nacionais — o desemprego, apoio às pequenas e médias empresas, agricultura, silvicultura, construção e obras públicas, têxteis, vestuário, calçado e indústrias de base — apontando-se programas de emergência.

O MDE/S faz uma longa exposição com projectos que envolvem todos aqueles sectores. Mas para algumas iniciativas apresenta mesmo programas concretos e pormenorizados. Tal é o caso do Turismo, ao indicar números para o desenvolvimento de unidades no Algarve: nada menos que 27 milhões de contos. Mas outros sectores são igualmente referenciados, como as indústrias metalúrgicas e dos derivados do petróleo, construção, papel, transportes navais e comércio.

Para além destes estudos concretos que o Movimento se propõe desenvolver directamente, o seu programa engloba ainda planos de ordem geral sobre a Previdência, os Hospitais Cívicos, o Fundo de Fomento de Exportação, a Bolsa, o padrão de vida, salário mínimo, os impostos, a Universidade, as relações com os países árabes, africanos e de Leste, a montagem de um Serviço Nacional de Cobranças, etc., etc.

Não há dúvida de que se trata de um programa de grande alcance, que envolve todos os sectores da vida nacional e que decerto conta com o apoio de capitais e empresas privadas de grande envergadura. Chegou a altura de o Governo encarar de frente e com ousadia estes empreendimentos, desde que fiquem defendidos os princípios que levaram à vitória do Movimento das Forças Armadas e os interesses do Povo. Aliás, pertence também aos grandes culpados — os potentados económicos — a responsabilidade na estabilização e desenvolvimento do País.

Mateus Boaventura

Todos ao totobola!

14.ª época



no totobola ganha você e ganha o país

O Totobola é um exclusivo da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa. O Totobola é Estado. O Totobola é do povo. Logo é seu. O Totobola não tem lucros.

Metade do dinheiro do Totobola vai para os prémios.

A outra metade vai para a Assistência e o Fomento desportivo.

Apostar no Totobola é apostar neste país.

Esteja onde estiver a passar as suas férias, não perca o Totobola.

Nem uma só vez! Todos ao Totobola!



totobola

uma oportunidade em cada semana

VENDE-SE, EM OLHÃO

Um conjunto de edifícios com terreno anexo e com a área total de 5 700 m², com três frentes, sendo 3 850 m² de área coberta e 1 850 m² descoberta, situado num dos melhores locais da vila, adaptáveis a qualquer indústria e/ou demolições para construção civil em zona devidamente autorizada como previsto pelo plano de urbanização.

Tratar com: J. Carlos da Cruz — Telefone 72497 — Olhão.

Septuagenário agredido em Faro

Encontrava-se, após o almoço, tomando café na Brasileira, em Faro, o sr. Manuel Correia (vulgo «Manuel das Farinhas»), viúvo, antigo motorista, residente naquela cidade. Ao pagar a sua despesa, puxou pela carteira, o que despertou a atenção de um casal de larápios que ali se permanecia. Mais tarde o sr. Correia foi aos sanitários e ali o gatuno agrediu-o violentamente, roubando-lhe a carteira que tinha cerca de 1 500 escudos e deixando-o prostrado sem sentidos e com extenso ferimento na face.

INVISTA O SEU DINHEIRO

Vendem-se andares, bem acabados, revestidos a Sinca. Trata José de Sousa Pereira, Rua Jornal «O Algarve», 43 r/c esq. (à Pénha), telefones 25148 e 24499 — FARO.

Tube-Aço

Varas de 6 metros. Diâmetro de 1/2" ou 12 m/m.

CEDE-SE EXISTÊNCIA

Trata: — Ortenco — Centro Técnico de Contabilidade Mecanizada, Lda.

Rua Francisco Gomes, 47 — Telef. 290 — Vila Real de Santo António — Algarve.

Actualidades desportivas

TORNEIO INTERNACIONAL DO ALGARVE

O FARENSE CONQUISTOU O TROFÉU «ALGARVE»

comentários de João Leal

Com a participação do Lech de Poznan (Polónia), Sporting, Olhanense e Farense, disputou-se no Estádio de São Luís, em Faro, o «I Torneio Internacional de Futebol do Algarve». A vitória final veio a pertencer ao Farense, que conquistou o valioso e artístico troféu «Algarve», oferta do Banco do Algarve.

A classificação final ficou assim ordenada: 1.º Farense; 2.º Sporting; 3.º Olhanense; 4.º Lech de Poznan.

Damos a seguir breves apontamentos dos encontros deste torneio:

Farense, 2 — Lech, 0

O encontro inaugural do Torneio Internacional de Futebol foi disputado perante reduzida assistência. Sob a direcção do sr. Francisco Lobo, de Setúbal, as equipas alinharam: Farense: Benje; Caneira, Almeida I, Viola e Lampreia; Manuel José (Barbosa, aos 85 minutos), Sérgio e Almeida II; Manuel Fernandes (Amâncio, aos 65 minutos), Adilson (Farias, aos 58 minutos) e Mirobaldo.

Sporting — Damas; Manaca, Bastos, Alinho I e Carlos Pereira (Inácio, aos 78 minutos); Paulo Rocha, Wagner e Walter (Tomé, aos 63 minutos), Marinho, Nelson e Dé.

Ao intervalo: 1-1, golos de Sérgio, aos 17 minutos e Dé, aos 42 minutos. Ao fim do tempo regulamentar a igualdade mantinha-se, situação que se verificaria também no prolongamento de 30 minutos. Houve que recorrer à marcação de grandes penalidades. O Farense converteu todas por intermédio de Farias, Mirobaldo, Lampreia, Almeida II e Amâncio. Por seu turno, o Sporting apenas converteu 3, através de Nelson, Dé e Wagner, havendo Inácio e Almeida I a tirado para fora.

O recurso às grandes penalidades veio afinal conferir plena justiça à partida, pois o Farense foi a equipa que melhor estrutura apresentou e que, pelas ocasiões construídas e surgidas, mais perto esteve sempre da vitória.

Sporting, 4 — Olhanense, 1
Encontro dirigido pelo sr. Ismael Baltazar (Setúbal) e com as seguintes formações:

Sporting: Damas, Manaca, Bastos, Alinho I e Carlos Pereira; Paulo Rocha, Wagner e Walter (Baltazar, aos 65 m.); Marinho, Joaquim Rocha (Nelson, aos 21 m.) e Dé.
Olhanense: Arnaldo; Alexandrino, Guaraci, João Pereira e Amaral (Zézé, aos 78 m.); Rocha (Jesus, aos 15 m.) e Helder (aos 77 m.); Lo Bello e Álvaro Jorge; Rui Lopes, Ademir e Renato.

Ao intervalo, o Sporting venceu por 2-0, com tentos de Nelson aos 37 m. e Dé, na transformação de grande penalidade, aos 39 m.; no 2.º tempo, Alinho (aos 37 m.), Dé (aos 77 m.) e Ademir (aos 80 m.) foram os autores dos tentos.

Excelente primeira meia hora da turma de Olhão, a praticar futebol de bom nível, dominando os acontecimentos e obtendo um golo, na transformação de grande penalidade, que o árbitro, escandalosamente, mandou repetir, beneficiando o infractor. O Sporting depois impôs-se e verificou-se uma maior quebra física dos algarvios que ofereceram sempre réplica animosa.

Olhanense, 4 — Lech, 1

Sob a direcção do sr. Francisco Lobo, as equipas alinharam: Olhanense — Arnaldo; Alexandrino, Guaracy, Laert (ex Goias) e Amaral (Zézé, aos 73 minutos); Jesus (João Pereira, aos 73 minutos), Lo Bello, Rui Lopes e José Rocha; Ademir e Renato.

Lech — Karwewi; Barczak (Damins, aos 39 minutos), Plotwa, Atepozak e Grala; Mamick, Yakobczak e Napierata; Olszyna, Szoawowski e Milewski.

Ao intervalo 3-0 (golos de Renato, aos 17 minutos, Ademir, aos 18 minutos e Mamick, na própria

Notícias do futebol algarvio

O OLHANENSE E O FARENSE REFORÇAM-SE

O Sporting Clube Olhanense obteve a cedência por uma época de Dinis, ex-júnior do Sporting, jovem defesa com boas credenciais.

Mais dois elementos do Lusitano ingressam no Farense. Trata-se de Domingos e Jacques, que já na época transacta foram alvo do interesse do clube de Faro.

Recordamos que com as duas aquisições agora feitas, o Farense conta no seu plantel com cinco ex-jogadores do clube vila-realense, ou seja José Armando, Manuel Fernandes, Almeida II, Jacques e Domingos, além de Manuel José, também natural de Vila Real de Santo António.

FARENSE / SELECÇÃO NACIONAL DE ESPERANÇAS

Para a noite de 16 de Novembro próximo, ou no dia 17, está prevista a disputa em Faro de um encontro entre a selecção nacional de Esperanças e o Sporting Farense, o qual se integra no plano de preparação das selecções nacionais de futebol.

ALINHO II NO PORTO

Fechou contrato com o F. C. do Porto o jovem «stopper» Alinho II, que na época finda alinhou no Farense.

O clube algarvio impugnou a transferência.

ANTÓNIO LUÍS NO PENAFIEL

O fogoso dianteiro António Luís, que na época transacta alinhou no Farense, transferiu-se para o Penafiel.

Árbitros algarvios nos Campeonatos Nacionais

São os seguintes os árbitros algarvios que na época de 1973-74 actuarão nas provas federativas: 1.ª Divisão, César Correia e Manuel Poira; 2.ª Divisão, Mário Fevereiro; 3.ª Divisão, Omer Leal, Justino Lemos e Romão Alves.

Compram-se

Caixas e carteiras de fósforos antigas, portuguesas e espanholas. Resposta a A. Ribeiro — Av. Bombeiros Voluntários de Algés, Lote 119-6.º Esq. — Algés.

VELA

MUITOS CONCORRENTES NO I TROFÉU INTERNACIONAL «MARINA DE VILAMOURA»

Com o patrocínio da Lusotur — Sociedade Alargueira de Turismo de Vilamoura e organização da Secção Náutica do Sport Faro e Benfica, decorreu a sul da marina a disputa do troféu internacional Marina de Vilamoura, que registou 93 velejadores, em 52 embarcações representando o Centro de Vela de Faro, Clube Naval Setubalense, Sport Faro e Benfica, Clube de Vela de Lagos, C. D. Cimento Tejo, União Desportiva Vilafranquense, Ginásio Clube de Tavira, Clube de Vela do Barreiro, Marina de Vilamoura, Clube Lisnave, Clube Naval de Lisboa, Clube de Vela de Vila Real de Santo António, Clube de Vela Atlântico, Sport Algés e Dafundo, Associação Naval de Lisboa, Alhandra Sporting Clube, Associação Naval Infante de Sagres, Centro de Vela de Tavira, Grupo Naval de Olhão, Ginásio Clube Naval de Faro e individuais.

Foi a seguinte a classificação geral corrigida: 1.º, Snipe 21 139, Raul Xavier e Rui Rolão, S. A. Dafundo; 2.º, Snipe 15 397, Gilberto Sousa e A. Sousa, C. N. Lisboa; 3.º, Fireball 2, José Oliveira e António Massé, G. N. Olhão; 4.º, Snipe 12 335, Fernando Gregório e Júlio Rosário, S. F. Benfica; 5.º, 470 P 3, João Analide e José de Sousa, A. N. I. Sagres; 6.º, Vaurien 3 000, João Freire e Paulo Freire, C. V. Barreiro; 7.º Snipe 19 995, José Calvário e Luís Santos, C. V. Faro; 8.º, Snipe 19 536, José Sancho e José Cachola, S. F. Benfica; 9.º, 12 m 2 P 20, Rogério e Custódio Leite Rodrigues, C. V. Atlântico; 10.º, Snipe 19 993, José Caldeira e Mário Assis, C. V. V. Real S. A.

Classificação geral absoluta: 1.º, Raul Xavier e Rui Rolão; 2.º, João Analide e José de Sousa; 3.º, Martiniano Santos e José Santos.

VENDE-SE OU ALUGA-SE

HOTEL CAÍQUE, em Olhão, 40 quartos. Tratar pelo telef. 72987.

L. U. A. R.

Ao contrário do que foi publicado no nosso jornal, a sede da L. U. A. R., em Faro, não é na Rua Cruz das Mestras, n.º 20, mas na Rua da Cruz, n.º 20 (imediações do Largo da Madalena).

Já chegou ao

Mercado da Verdura em Vila Real de Santo António

Linguados brancos a Esc..... 40\$00 cada quilo
Lagosta cozida a Esc..... 160\$00 » »
Lavagante cozido a Esc..... 140\$00 » »

Também tenho:

— Choquinhos, lulas, bifes de atum e atum para estupeta, e outras espécies acondicionadas em embalagens. Na Rua Cândido dos Reis em Vila Real de Santo António, onde se atende todos os pedidos ou pelo telefone n.º 124.

Para hotéis e restaurantes, etc.

CASINOS do ALGARVE
às 23h e 1H até 4 de Setembro

Classificação geral absoluta: 1.º, Raul Xavier e Rui Rolão; 2.º, João Analide e José de Sousa; 3.º, Martiniano Santos e José Santos.

ALVOR
a cançonetista inglesa
RITA PHILLIPS
a presença portuguesa de
VITÓRIA MARIA
o equilibrista-malabarista
JOHNNY BROADWAY AND CHRISTIN
ballet
GERRY ATKINS SHOW
e a Orquestra do Casino

VILAMOURA
o extraordinário
TRIO ATHENÉE
os espectaculares ilusionistas
ALAIN DENIS e MONICA BELLE
os acrobatas australianos
THE BORS
ballet
THE LEE DELL DANCERS
e a Orquestra do Casino

Sala de máquinas — acesso livre a maiores de 21 anos
Sala de jogos — diariamente das 17 às 3 h
Alvor — telef. (0082) 23141
Vilamoura — telef. (0089) 65319/86
Maiores de 13 anos

CASINOS DO ALGARVE

RESULTADOS DOS JOGOS I TORNEIO INTERNACIONAL

Farense, 2 — Lech, 0
Olhanense, 1 — Sporting, 4
Lech, 1 — Olhanense, 4
Sporting, 1 — Farense, 1 (penalties 3-5)

TAÇA DE HONRA

Lusitano, 0 — Olhanense, 2
Portimon, 9 — Sambrazense, 1
Silves, 1 — Esperanças, 1 (penalties — 1/3)

JOGO PARTICULAR

Cádiz, 5 — Olhanense, 0

Alberto Pires Cabral

MÉDICO ESPECIALISTA DOENÇAS DO CORAÇÃO

Consultas:
As 2.ª, 3.ª, 5.ª e 6.ª feiras, das 10 às 13 horas e das 17 às 19,30 horas.
As 4.ª feiras das 17 às 19,30 horas.
Consultório — Rua Portas da Serra, 37-1.º Dt.º — Frente — Telef. 2 35 23
PORTIMÃO

ALGARVE — LAGOS VENDE-SE

Prédio c/ 5 inquilinos, com projecto aprovado para levantar mais 2 pisos ou 6 moradias. Trata o próprio. Estrada do Bairro da Abrotea, 14 r/c — Lagos.

Comissão Pró-União dos Sindicatos do Distrito de Faro

Extracto da acta da reunião da Comissão Pró-União dos Sindicatos do Distrito de Faro, realizada em Faro a 22 de Agosto de 1974.

A 22 de Agosto de 1974 realizou-se na Sede do Sindicato Livre dos Empregados de Escritório e Caixeiros do Distrito de Faro, pelas 21,30 horas, uma reunião da Comissão Pró-União dos Sindicatos do Distrito de Faro. Estiveram presentes os seguintes indivíduos: António Horta Morais e João José Maximiano Ruivo em representação do Sindicato dos Motoristas; Erlando Baptista Rosa, pelos Motoristas Marítimos; José Clara Gonçalves, representando os Corticeiros; Joaquim Moreira e Joaquim Manuel M. Moreira, pelos Trabalhadores da Panificação; José Faísca Marim Teixeira e José Cabrita do Nascimento, pela Delegação do Sindicato de Seguros; Feliciano Miguel Judas, António Celestino Oliveira e Duarte Faleiro Vedes, pela Comissão Distrital dos Bancários; José Maria Henriques Oliveira, Aníbal Louro Bexiga e João Manuel de Mira Matos, pelo Sindicato dos Empregados de Escritório e Caixeiros e João Luís de Sousa Maria e Carlos José Miranda de Oliveira pelo Sindicato dos Metalúrgicos e Metal-Mecânicos.

De acordo com a Ordem dos Trabalhos procedeu-se à eleição da Mesa a que presidiu José Maria Oliveira, sendo secretariado por Carlos José Miranda Oliveira e Dinarte Faleiro Vedes.

Depois de breve troca de impressões, na qual foi salientada, mais uma vez, a necessidade e a urgência em formalizar a UNIÃO DOS SINDICATOS DO DISTRITO DE FARO, foi esta decidida, POR UNANIMIDADE, pelos Sindicatos presentes.

Procedeu-se, seguidamente, à eleição do Secretariado Provisório. Por proposta dos Bancários foi, posteriormente, aprovado que do Secretariado Provisório fizesse parte um elemento escolhido em representação de cada um dos Sindicatos presentes. Foi deliberado ainda, a proposta do Sindicato dos Empregados de Escritório e Caixeiros, que o Sindicato da Construção Civil, ausente por motivos justificados, indicasse, oportunamente, um seu representante para o Secretariado.

Feita a eleição ficaram a constituir o Secretariado os seguintes elementos: Panificação — Joaquim Manuel Marcos Moreira; Metalúrgicos e Metal-Mecânicos — Carlos José Miranda Oliveira; Motoristas Marítimos — Erlando Baptista Rosa; Motoristas — João José Maximiano Ruivo; Bancários — Feliciano Miguel Judas; Seguros — José Faísca Marim Teixeira e Caixeiros e Empregados de Escritório — José Maria H. de Oliveira. Como atrás ficou dito o Sindicato da Construção Civil indicará, oportunamente, o seu representante.

Foi decidido dar imediato conhecimento desta deliberação à União dos Sindicatos do Sul, através de extracto da acta da reunião, assinada por todos os presentes.

Faro, 22 de Agosto de 1974.

Móveis para exteriores, em fibra de vidro
Fabricantes: **APM**
R. Convento do Sr.ª da Glória, 25
Telef. 63179 — LAGOS

Pára-raios
dos tipos Franklin e Rádio-Activos, fornecemos e instalamos em qualquer parte do País.
Orçamentos Grátis.
Dirigir à casa mais antiga do Sul do País, autorizada pela Junta de Energia Nuclear. Heliodoro Nobre Valente, Lda. — apart. 3 — telefone 52101 — Ourique.

JORNAL DO ALGARVE
lê-se em todo o Algarve

ACERCA DA SUBIDA DOS PREÇOS

por Eurico Santos Patrício

HÁ dias ouvimos pela Rádio a notícia do aumento do preço do pão e, consequentemente, do trigo. Igualmente foi anunciado que ia ser aumentado o preço do leite, etc., etc. Realmente, tornava-se necessário olhar com inteligência para estes produtos, que se encontravam no caos, tanto para o produtor como para o consumidor. O produtor, devido a não dar resultado tal exploração, deixou de semear o trigo e milhares de criadores de gado venderam as vacas, o que motivou a falta do leite e da carne das criações para o consumo público. Ora, isto era uma má política seguida pelos nossos ex-governantes, pois desde que se não dê margem a um lucro compatível com o trabalho de qualquer industrial ou produtor rural, na venda dos seus produtos, certamente, abandonam tal exploração e os artigos tão necessários ao consumo público, não só passam a rarear e encarecer como também se priva as pessoas necessitadas de utilizarem esses artigos indispensáveis à vida, e só alguém os consegue por contrabando ou especial favor, o que tem provocado a indignação do povo.

Portanto, há que conceber o ditado antigo de que «o que faz a carestia da vida é a falta nos mercados dos produtos procurados». Esta lógica, dos velhos tempos, não a devíamos esquecer, porque é uma autêntica verdade. E se não, vejamos: há falta de leite e a carne vende-se por preços quase impraticáveis pela razão incontestável de se ter obrigado os criadores de gado a venderem as vacas, por não se lhes ter aumentado o preço do leite proporcionalmente ao custo da sua alimentação. Despesas que são obrigatórias diariamente, pois os animais não vivem nem produzem leite sem uma alimentação condicionada.

Ora, esta ex-política deu um resultado contraproducente, à economia nacional, pois, em vez de termos abundância de leite e de carne para o consumo público, com preços que certamente não iriam além dos actuais, especialmente o do leite, que tem de ser vendido no mesmo dia senão azeda e estraga-se, resultou só alguns criadores em grande escala se terem conseguido manter, enquanto os milhares de pequenos criadores, os que davam a abundância e o barateamento da mercadoria, tiveram de desistir por não poderem aguentar-se.

Bem hajam, portanto, os governantes de tão preclaras decisões, pois só assim poderemos ter novamente um progresso e desenvolvimento de produção suficientes para todos e em melhores condições de compra, em auxílio da lavoura, do consumo público e da economia nacional.

QUARTEIRA, presente!

Terminou o mês do martírio!

DIZIAMOS no ano findo, nestas mesmas colunas, em igual época do ano: passar férias no Algarve em Agosto, é do género da pessoa se sujeitar voluntariamente a um dos piores martírios. Isto já não pode ser considerado turismo. Dizia há dias uma senhora para o marido: «isto já ultrapassou o carnaval carioca! Vale tudo menos tirar olhos! Não há o mínimo de consideração por quem escolhe esta famosa e bela Província», etc.

Realmente, a senhora tinha muita razão; e nós também tínhamos razão, quando, há um ano, aconselhávamos as pessoas a escolher outro mês, para passar as suas merecidas férias, entre a serra e o mar deste Algarve de sonho.

A laia de brincadeira, pareciam-nos que, aumentar o preço de tudo, neste mês, seria um sistema a pôr em prática. E bumba, aí está; quem mais? No próximo ano, em que tudo já terá esquecido (assim o desejam muitos), os mesmos e outros mais voltarão. Por nossa parte, não voltaremos a repetir estas frases, não voltaremos a dar conselhos desta espécie, porque não se deve ter pena de quem não se poupa a si próprio.

Realmente, Quarteira suportou neste último Agosto a maior enchente de todos os tempos; não escapou barraca, casa particular, pensão, residência ou hotel, que não esgotasse as suas reservas habitacionais. As zonas do Forte Novo, Rio Almagem e Fonte Santa, associaram-se no seu colorido, ao Parque de Campismo ali existente. Viveu-se por vezes à inglesa, outras vezes nem isso, porque o chá,

BRISAS do GUADIANA

PREÇOS ALTOS, PREÇOS BAIXOS E PREÇOS ÚNICOS

NUMA destas noites estivais em que de modo nenhum apetece estar em casa, mesmo que em casa haja trabalho à nossa espera, demos o giro habitual pela Rua Paschoa Teófilo Braga, Praça Marquês de Pombal e Avenida da República, em Vila Real de Santo António, apreciando o movimento a estas artérias conferido por milhares de visitantes, e na Avenida nos dispusemos a gozar, num dos bancos públicos frente ao rio, alguns minutos de sossego e de relativa frescura. Não tardou porém que largas dezenas de incómodos bichos com asas, a que umas pessoas chamam mosquitos, outras melgas e outras ainda uns nomes mais ou menos agressivos, consoante o grau da ferroada que recebem, invadissem o local, forçando-nos a emigrar rapidamente em busca de outro poiso.

Na Praça descobrimos, quase diríamos miraculosamente (eram só dez e meia da noite), um quarto de banco disponível, e nele nos instalámos apressado, não fosse surgir alguém com igual objectivo. E o caso é que surgiu, pouco depois, pedindo delicadamente licença para conosco compartilhar o quarto de banco, o nosso amigo Ferreira, modesto comerciante de venda a retalho a quem os turistas não conseguiram fazer crescer o nível de vida.

Entabulámos amena conversa, dizendo-nos o Ferreira que acabara de passar por uma das esplanadas, onde o empregado pedia a um cliente quinze escudos pelo pagamento de dois refrescos (laranjadas). Sabia ele, Ferreira, que tais refrescos custavam ao café de onde vinham a menos de três escudos cada, não se compreendendo que o café fosse autorizado a uma margem de lucro tão grande (quase duzentos por cento), enquanto as mercearias, por exemplo, em parte dos artigos não podiam ir além dos dez por cento. Referiu-nos o detalhe das vendas de cafés feitas por comerciantes vilarealenses a pessoal proveniente de Ayamonte, afirmando que alguns desses comerciantes, pela escassa margem de lucro que nos referidos cafés cobravam, iam forçando os restantes a um ganho simplesmente miserável, e depois ainda se queixavam aos colegas de que, com tantos anos de trabalho, há tantos anos estabelecidos, não conseguiam passar da «cepa-torta».

Retorquimos-lhe que, em contrapartida, os colegas de Ayamonte pareciam respirar prosperidade por todos os poros, e confirmou-nos que assim era, graças, sobretudo, à abundante clientela portuguesa, que nos últimos anos os fizera multiplicar o número de estabelecimentos e imprimir a muitos destes um

cunho acentuadamente moderno. Os espanhóis, porém, não se ficavam pelas bagatelas, não vendendo a ninguém sem retirar a sua normal e legítima percentagem de lucro, o que lhes permitia continuar progredindo, enquanto aos do lado de cá do Guadiana não havia quem conseguisse ensinar a «língua».

E muitas mais coisas ouvimos nessa nossa conversa num quarto de banco da Praça, que nos fizeram pensar na necessidade de se explicar quanto antes, a esses nossos comerciantes, que não são só eles que perdem — e muitíssimo têm perdido — no regaibo dos baixos preços que insistem em praticar no café e outros artigos destinados aos nossos vizinhos andaluzes.

Será que os «preços únicos» que à escala nacional se anunciam conseguirão pôr cobro a este estado de coisas?

CUIDADO COM OS LIXOS

Escreve-nos um leitor vilarealense pedindo a atenção das autoridades sanitárias para a lixeira que está a formar-se nas traseiras do quartel dos Bombeiros, numa zona onde residem numerosas crianças de poucos anos.

Diz-nos o mesmo leitor que um indivíduo ali morador, recolhe e leva na sua pequena carroça para um quintal que lá possui, cascas de fruta, sobras de comida, etc., deixando depois a carroça à porta, sem conveniente limpeza, o que atrai grande quantidade de moscas que depois passam a actuar em todas as casas vizinhas.

J. M. P.

José Castel-Branco

MÉDICO ESPECIALISTA

DOENÇAS DO CORAÇÃO

CONSULTAS:

2.^{as}, 4.^{as} e 6.^{as} feiras, às 15 horas e 3.^{as} e 5.^{as} feiras, às 18 horas, na Rua Baptista Lopes, 21-1.º Dt.º em Faro.

Telefone 26164

Colóquio no Partido Socialista Português, em Faro

No prosseguimento das sessões culturais e de esclarecimento que tem vindo a efectuar na sua sede em Faro, o Partido Socialista Português efectuou nova sessão em que o tema focado foi «Agricultura», sendo o assunto conduzido pelo eng. Heitor Batalha de Almeida.

Shell José Guerreiro Neto & F.º, Lda.

SE PRETENDE ENCONTRAR UMA SOLUÇÃO PARA O SEU PROBLEMA

— IMPERMEABILIZAÇÕES: COBERTURAS, PAREDES, FUNDAÇÕES, DEPÓSITOS, ETC.

— PAVIMENTOS INDUSTRIAIS E PECUÁRIOS

— ISOLAMENTOS TÉRMICOS: CÂMARAS FRIGORÍFICAS, COBERTURAS, ETC.

... UMA EQUIPA DE PESSOAL ESPECIALIZADO ENCONTRAR-SE-Á AO SEU DISPOR

ESCRITÓRIO: R. PADRE ANTÓNIO VIEIRA—LOULÉ

TELEF. 6 22 83

Reunião política em Faro

O C. D. S. (Centro Democrata Social) promove na segunda-feira, no São Luis Parque, em Faro, uma sessão de esclarecimento político, que se inicia às 21,30.

quanto não acreditamos que o clima algarvio é excepcional durante muitos meses.

Mamuel Faria



Nova «boutique» em Vila Real de Santo António

Na Rua D. Pedro V, n.º 82, em Vila Real de Santo António, abriu ao público a boutique «Insólito», dependência da Casigás — Utilidades Domésticas, de que se situa a curta distância, na Rua Teófilo Braga e, como esta, propriedade dos srs. Alfredo Campos Faisca e António Monchique de Sousa.

A «Insólito» que, pelos primores do seu arranjo interior, constitui novidade agradável no meio comercial vila-realense, dedica-se à venda de artigos de decoração, normais uns, «insólitos» outros.

Felicitando os seus donos, pilares da feliz iniciativa, auguramos vida longa e próspera ao novo estabelecimento.

Senhora

Em Moçambique, dirigindo uma boutique há bastantes anos, também com larga experiência de pronto a vestir, desejava lugar bem remunerado em casa do mesmo ramo.

Dirigir resposta para a Rua Alexandre Herculano, 105 — Portimão.

FACTOS E IMAGENS

BOM «JAZZ» EM TERRAS DO SUL

INTEGRADO no I Festival Internacional do Algarve, realizou-se na quarta-feira, na Praça de Touros de Vila Real de Santo António um concerto de «jazz» ao estilo New Orleans, em que actuou

o trompetista norte-americano Bill Coleman e a orquestra de Marc Laferrière.

Não vamos aqui abordar os melhores ou piores aspectos do Festival, nem referirmo-nos ao que teve, não teve e podia ter, mas apenas apontar uma presença artística que nos pareceu transcendente e que talvez por isso mesmo satisfizesse em pleno muitos do que puderam e quiseram deslocar-se ao Tauródromo numa noite em que o estado do tempo, aliado à natureza do recinto, o tornavam sobremaneira indicado para manifestação de tal género.

Entre uma assistência que calculámos de quinhentas a seiscentas pessoas, jovens no seu maior número, o concerto dividiu-se em duas partes de cerca de uma hora. Na primeira actuou a orquestra, com cinco elementos em que o melhor era sem dúvida Marc Laferrière, extraordinário como saxofonista, mas onde os restantes, desde o trombone ao piano, sem esquecer o bateria e o viola, se entredajudavam e completavam, justificando a nomeada de que goza o categorizado conjunto.

Na segunda parte, um músico de excepção foi conferir novo brilho ao que já vinha sendo brilhante. Quer como solista, quer integrado no conjunto, Coleman patenteou ao público a sua nada vulgar craveira de executante em quem, francamente, não sabemos o que mais distinguir, se a verdade das interpretações seguidas a preceito, algumas também cantadas, se a das «suas» interpretações, em que o poder criativo ia sempre alcançando expressões novas e mais válidas.

Foi, em suma, com números clássicos ou mais modernos de «jazz», um concerto memorável, num género e num nível até agora, decerto, poucas vezes conseguidos em terras algarvias.

C. da R.

As serpentes de cores vivas (à direita) foram lançadas, há pouco tempo, no mercado, por uma fábrica de bonecas em Rödental, perto de Coburg (República Federal da Alemanha). Os bichinhos, de 90 cm. de comprimento, feitos em linho muito resistente, com enchimento de espuma, podem ser amassados como uma bola, podem ser transformados em almofadas, ou usados simplesmente para brincar. O brinquedo, natural da Baviera, é o resultado de um concurso (à esquerda) realizado pelo produtor juntamente com uma revista para pais, publicada em Munique. O esboço feito por uma menina de 12 anos — ela desenhara sobre a sua serpente crianças, casas, automóveis e brinquedos — venceu esse concurso.

JAZZ ACONTECEU

por José Cruz

JÁ muito se tem escrito, falado e comentado sobre aquilo que foi o I Festival Internacional do Algarve. Na parte que nos compete, a nós habitantes deste Sotavento sempre desprotegido e abandonado, coube-nos a graça — supomos que apenas concedida pelo facto de a Vila Pombalina fazer duzentos anos de criada — de ver ao vivo uma orquestra de jazz do tipo New Orleans. Estiveram entre nós Bill Coleman e a orquestra de Marc Laferrière, nomes que à maioria das pessoas nada dizem.

Musicalmente, o balanço foi positivo. Pela virtuose técnica, a perfeita coesão dos instrumentos de sopro, a apresentação de um tipo de «jazz» a que as bandas animadas da Televisão nos habituaram o ouvido, e um Bill Coleman, muito nas pisadas do grande Armstrong. Pelo profissionalismo exemplar da presença de técnicos de luz

e som, verdadeiros co-artífices da música dos nossos dias, em que é necessário levar a todos os lugares o reflexo das ambiências acústicas das salas de concerto.

O resto só se pode lamentar.

A começar pela apresentação de um espectáculo nitidamente destinado a um turismo de elites. O «jazz», sendo um tipo de cultura popular, característico das lutas raciais dos negros norte-americanos, está longe de ter o mesmo sentido e a mesma popularidade nestas paragens. A linguagem dos instrumentos é ininteligível a ouvintes habituados ao fado choramingado. Não sei se os compromissos assumidos foram o que obrigou este festival a ir por diante, mas dadas as características apresentadas, melhor fora que não se tivesse realizado, tal a pouca gente a quem aproveitou.

Nem para o próprio turista se poderá dizer que foi acessível. Os preços são claramente demonstrativos da casta de gente a quem se destinava. Uma vez mais a tese do desfasamento turista-massas é algo que afecta e revolta o algarvio e o ameaça com a sua presença. Apenas classes privilegiadas poderiam ter acesso a um tipo de cultura que, embora imperceptível às grandes massas as teriam beneficiado se lhes fossem franqueadas as portas a preços módicos, contribuindo para o êxito económico do espectáculo, pois valem mais mil pessoas a dez ou vinte escudos que quarenta a oitenta.

Ainda que se tivesse pensado no turista médio, não se atendeu à realidade do turista médio. Pagar espectáculos que lhe são dados a observar na própria terra e a tal preço, não é política. Embora a nossa vaidade e o nosso desprezo evidente pelas coisas oriundas da nossa terra, é natural e lógico que as praças, os recintos e todos os lugares utilizados no festival se tivessem enchido apenas com a exibição de ranchos folclóricos, corais alentejanos, tunas, ou outras manifestações características da nossa cultura popular, que é isso que o turista não vê lá e quer ver cá. Nenhum de nós se imagina a ir ao Paquistão assistir a um recital da D. Amália. E que dizer da propaganda, se a maioria das pessoas nem sabia da realização do espectáculo e outras souberam no quase à hora? E nos hotéis também é necessário organizar excursões, que os táxis e transportes colectivos não abundam e os turistas não podem ficar sujeitos às vicissitudes de umas horas ao relento, sob pena de se estragar cá fora a impressão causada lá dentro.

E já agora que falamos de música, seria bom que, para o ano, a organização não esquecesse aquele verso da canção mais popular que diz assim: «O povo é quem mais ordena...».

José Cruz

Mobiliário escolar

20 carteiras individuais, em madeira, em bom estado, vende José Carlos Duarte — Telefone 72126 — Aljezur.